



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANA CARINE MAIA DE OLIVEIRA

A VARIAÇÃO SINTÁTICA DA NEGAÇÃO NA FALA CULTA DE FORTALEZA-CE

FORTALEZA

2022

ANA CARINE MAIA DE OLIVEIRA

A VARIAÇÃO SINTÁTICA DA NEGAÇÃO NA FALA CULTA DE FORTALEZA-CE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. **Área de concentração:** Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O45v Oliveira, Ana Carine Maia de.
A variação sintática da negação na fala culta de Fortaleza-CE / Ana Carine Maia de Oliveira. – 2022.
75 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.
1. Negação sentencial. 2. Variação linguística. 3. Fala culta de Fortaleza. I. Título.

CDD 410

ANA CARINE MAIA DE OLIVEIRA

A VARIAÇÃO SINTÁTICA DA NEGAÇÃO NA FALA CULTA DE FORTALEZA-CE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. **Área de concentração:** Linguística

Aprovada em: 19/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Aluíza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio Alves de Oliveira e Ana Maia Martins de Oliveira, aqueles que me formaram e fizeram de mim a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois, sem Ele, nada disso seria possível.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão, pela paciência, pelo carinho, pelas palavras de incentivo e por acreditar no meu potencial. Agradeço pela orientação, pela dedicação em todos os momentos deste estudo e pela generosidade.

A professora Dr^a Maria Elias Soares, pela ajuda dada nos momentos em que precisei.

As professoras Dra. Hebe Macedo de Carvalho e Dra. Aluíza Alves de Araújo, pelas sugestões e direcionamentos apontados na qualificação deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística, pela contribuição na construção do meu conhecimento.

A Secretária de Educação do Estado do Ceará, que fez valer o direito de capacitação aos profissionais de educação por meio do afastamento para estudo.

Aos meus pais, que me amam, acreditam em mim e se orgulham da filha que criaram.

Aos meus irmãos pelo apoio, pela compreensão e pelo carinho nas horas mais difíceis.

Ao meu companheiro Erinaldo Aguiar Silva por acreditar em mim e sempre me incentivar, meu amor e companheiro de todos os momentos.

A minha amiga Kelly Rodrigues de Sousa, que me incentivou nos momentos em que eu não acreditava em mim.

Aos meus amigos Marcos Randall, Lívia Chaves, Mayara Rodrigues, por dividirem comigo momentos de frustração, conquistas, vitórias, alegrias e aflições ao longo de todo esse processo.

Aos colegas do mestrado, por compartilharem os mesmos sentimentos, as mesmas angústias e as recompensas que virão.

Agradeço a todos os meus amigos que torceram por mim e me fizeram acreditar que eu seria capaz de realizar esse sonho.

Por fim, agradeço a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

A todos, o meu muito obrigada!

Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.

(Rm 11:36)

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a variação sintática das sentenças negativas na fala culta do português fortalezense. A estrutura [Neg + V] é considerada variante padrão do fenômeno, enquanto as estruturas [Neg + V + Neg] e [V + Neg] são as variantes inovadoras das sentenças negativas em Português Brasileiro (PB). Sob a luz da Sociolinguística Variacionista, ou Laboviana, a qual entende ser a variação um processo pertencente ao sistema linguístico e que é motivada tanto por aspectos estruturais quanto por aspectos sociais (LABOV, 2008), e utilizando como banco de dados uma amostra obtida pelo Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT – Fase I), projeto sediado na Universidade Estadual do Ceará (Uece), pretende responder à seguinte pergunta norteadora: como os falantes cultos da cidade de Fortaleza estruturam suas proposições negativas? As variáveis independentes deste estudo são compostas por fatores: a) sociais: sexo e idade; e b) linguísticos: tipo de oração (absoluta, coordenada e subordinada), estrutura do verbo (simples e perífrase verbal), tempo verbal (presente, passado e futuro), tipo de sujeito (explícito, implícito e inexistente), tipo de frase (resposta, pergunta e apresenta-se no encadeamento do discurso) e presença/ausência de outros termos negativos - nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada - (ausência e presença). O estudo valeu-se do programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para identificar quais fatores internos e externos à estrutura linguística exercem influência sob a realização do fenômeno aqui investigado. Os resultados alcançados constataram que a variação na negação sentencial da fala culta de Fortaleza é condicionada essencialmente por fatores internos ao sistema linguístico, sendo as variáveis tipo de sujeito, tipo de oração, presença/ausência de palavra negativa e tipo de frase os grupos de fatores que exercem influência na realização das variantes inovadoras.

Palavras-chave: negação sentencial; variação linguística; fala culta de Fortaleza.

ABSTRACT

This research aims to analyze the syntactic variation of negative sentences in educated Portuguese spoken in Fortaleza. The structure [Neg + V] is considered a standard variant of the phenomenon, while the structures [Neg + V + Neg] and [V + Neg] are the innovative variants of negative sentences in Brazilian Portuguese (BP). In the light of Variations Sociolinguistics, or Labovian, which understands that variation is a process belonging to the linguistic system and that is motivated by both structural and social aspects (LABOV, 2008), and using the sample obtained by the Project Description of Oral Portuguese Cult of Fortaleza (PORCUFORT), a project based at the State University of Ceará (UECE), aims to answer the following guiding question: how do educated speakers in the city of Fortaleza structure their negative propositions? The independent variables of this study are composed of factors: a) social: sex and age; and b) syntactic: type of clause (absolute, coordinate and subordinate), verb structure (simple and verbal periphrasis), verb tense (present, past and future), type of subject (explicit, implicit and non-existent), type of sentence (answer, question and present in the chain of discourse) and presence/absence of other negative terms - nothing, nobody, none, nor, never, nor anything - (absence and presence). The study made use of the Goldvarb X statistical program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) to identify which factors internal and external to the linguistic structure influence the realization of the phenomenon investigated here. The results obtained showed that the variation in the sentence denial of educated speech in Fortaleza is essentially conditioned by factors internal to the linguistic system, with the variables type of subject, type of sentence, presence or absence of negative word and type of sentence being the groups of factors that influence the realization of innovative variants.

Keywords: sentence denial; linguistic variation; cultured speech of Fortaleza.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Porcentagens de realização das três variantes controladas	52
Tabela 2 - Atuação da variável tipo de sujeito sobre a negativa dupla.....	56
Tabela 3 - Atuação da variável tipo de oração sobre a negativa dupla	58
Tabela 4 - Atuação da variável Presença ou Ausência de palavra negativa sobre a negativa pós-verbal	59
Tabela 5 - Atuação da variável tipo de oração sobre a negativa pós-verbal	60
Tabela 6 - Atuação da variável Tipo de sujeito sobre a negativa pós-verbal	61
Tabela 7 - Atuação da variável Presença ou Ausência de palavra negativa sobre a negativa pós-verbal	63
Tabela 8 - Atuação da variável Tipo de frase sobre a negativa pós-verbal versus a negativa dupla	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipologia das regras linguísticas segundo Labov	34
Quadro 2 - Estratificação dos informantes do PORCUFORT	43
Quadro 3 - Normas do NURC para transcrição de entrevistas gravadas adotado pelo PORCUFORT.....	45
Quadro 4 - Distribuição dos informantes de acordo com os fatores sociais controlados no PORCUFORT.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comparativo de frequência de uso das negativas pré-verbais	53
Gráfico 2 - Comparativo de frequência das negativas inovadoras	54
Gráfico 3 - Comparativo dos índices das variantes em estudos realizados na capital cearense.....	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O OBJETO DA PESQUISA: AS NEGATIVAS SENTENCIAIS	17
2.1	HIPÓTESES SOBRE O SURGIMENTO DAS VARIANTES INOVADORAS .	17
2.2	ESTUDOS VARIACIONISTAS DAS NEGATIVAS SENTENCIAIS	22
3	A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	28
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS	42
4.1	O BANCO DE DADOS PORTUGUÊS ORAL CULTO DE FORTALEZA (PORCUFORT)	42
4.2	A CAPITAL CEARENSE	46
4.3	CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA	49
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	52
5.1	PRIMEIRA RODADA: DADOS GERAIS	52
5.2	SEGUNDA RODADA: NEGATIVAS DUPLAS VERSUS NEGATIVAS PRÉ-VERBAIS	55
5.2.1	<i>Atuação da variável tipo de sujeito sobre a negativa dupla</i>	56
5.2.2	<i>Atuação da variável tipo de oração sobre a negativa dupla</i>	57
5.3	TERCEIRA RODADA: NEGATIVAS PÓS-VERBAIS VERSUS NEGATIVAS PRÉ-VERBAIS	58
5.3.1	<i>Atuação da variável Presença ou Ausência de palavra negativa sobre a negativa pós-verbal</i>	59
5.3.2	<i>Atuação da variável tipo de oração sobre a negativa pós-verbal</i>	60
5.3.3	<i>Atuação da variável Tipo de sujeito sobre a negativa pós-verbal</i>	61
5.4	QUARTA RODADA: NEGATIVAS PÓS-VERBAIS VERSUS NEGATIVAS DUPLAS	62
5.4.1	<i>Atuação da variável Presença ou Ausência de palavra negativa sobre a negativa pós-verbal versus a negativa dupla</i>	62
5.4.2	<i>Atuação da variável Tipo de frase sobre a negativa pós-verbal versus a negativa dupla</i>	63
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

No Português Brasileiro (PB), há mais de uma forma de se realizar a negação de uma sentença, a saber: a negação pré-verbal, a negação dupla e a negação pós-verbal. Estas formas se diferenciam de acordo com a posição que o advérbio “não” ocupa em relação ao verbo, como é possível observar nos exemplos¹ a seguir:

- Negação pré-verbal (Neg + V):
“não vai ter nenhum dia à tarde”. (Inq. 07)
- Negação dupla (Neg + V + Neg):
“é... porque eu t/ /tava pensando não era melhor tu dar/ QUATro manhãs e duas tarde não?...” (Inq. 07)
- Negação pós-verbal (V + Neg):
“tem problema não.” (Inq. 11)

A estrutura [Neg + V] é considerada variante padrão do fenômeno, enquanto as estruturas [Neg + V + Neg] e [V + Neg] são as variantes inovadoras das sentenças negativas em PB. Para Cavalcante (2007), o PB apresenta três sub-padrões negativos, o que o diferencia das demais línguas românicas.

Descrevendo os contextos em que as três formas de realização da negação supracitadas funcionam como variantes de uma variável, o presente estudo pretende analisar as sentenças negativas no português brasileiro, a fim de respondermos à pergunta norteadora: como os falantes cultos da cidade de Fortaleza nascidos nos anos 1990 estruturam suas proposições negativas?

Para esta pesquisa, entende-se como norma culta a língua falada pelos falantes cultos do português brasileiro, isto é, a língua falada por indivíduos que possuem ensino superior completo, em contextos de maior monitoramento da fala (FARACO, 2008). Conforme ressaltam Araújo, Viana e Pereira (2018), não há no conceito de culto adotado pelo Porcufort qualquer tentativa de indicar algum de relação de superioridade deste tipo de norma em relação à norma popular ou qualquer outra variedade linguística.

¹ Exemplos extraídos dos dados de fala coletados no *corpus* da pesquisa.

Cabe salientar ainda o ponto de partida para o interesse em realizar este estudo pela pesquisadora. Ainda no período de graduação, a experiência em uma breve pesquisa na disciplina Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, na qual se fez um estudo a respeito do apagamento do “r” final, despertou a paixão pela observação da língua em uso. O interesse pelo estudo da língua aumentou ao longo do curso, com os conhecimentos obtidos através das disciplinas voltadas para o estudo da Linguística, no entanto, foi cursando a disciplina Sociolinguística que o interesse em estudar a língua em uso e seus aspectos sociais amadureceu.

A escolha do tema ocorreu a partir das observações da língua falada no dia a dia. Tais observações ocorreram tanto no ambiente familiar quanto no profissional, no entanto, foi a comparação incipiente entre a fala dos colegas de trabalho no ambiente escolar e a fala dos alunos, suas diferenças e semelhanças, que despertaram a curiosidade em analisar as estruturas negativas na fala culta de Fortaleza.

O processo de realização da negação em português brasileiro já foi objeto de estudo de alguns autores (RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 2001; ALKMIM, 2001; GOLDNADEL et al., 2013; ROCHA, 2013; NASCIMENTO, 2014). Estes estudos já realizados nos possibilitam compreender como as sentenças negativas estão estruturadas no PB nas diversas regiões do país.

Em um breve levantamento feito na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), entre os anos de 2001 a 2014, foram encontradas seis pesquisas referentes ao estudo da negação em língua portuguesa. Do ano de 2015 ao ano de 2018, é possível identificar dois estudos que abordam a estrutura negativa no português brasileiro: Nunes (2014), que aborda as funções pragmáticas do fenômeno em português no Sul do Brasil; e Souza (2017), o qual faz uma análise da estrutura negativa no português brasileiro, junto ao catalão.

A Sociolinguística Variacionista, perspectiva que embasa este estudo, é um modelo teórico-metodológico que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, com os estudos do linguista norte-americano William Labov. Este modelo relaciona a análise do fenômeno linguístico à situação social das comunidades estudadas, uma vez que considera a variação um fenômeno inerente a todo sistema linguístico, sendo, por este motivo, passível de análise e sistematização (LABOV, 2008).

Em língua portuguesa brasileira, diversos estudos já foram realizados visando entender o processo de variação que acontece nas negativas sentenciais (ALKMIM,

2001; SOUZA; LUCCHESI, 2004; SANTANA; NASCIMENTO, 2011; SEIXAS; ALKMIM; CHAVES, 2012; REIMANN; YACOVENCO, 2012; AVELAR; SILVA; ALMEIDA, 2013; NUNES, 2014; NASCIMENTO, 2014; SANTOS, 2016), demonstrando que a negação, no português brasileiro, é um fenômeno em variação que apresenta diversas formas de realização e, por este motivo, desperta o interesse de muitos pesquisadores em todas as regiões do país.

Diante do exposto até aqui, esse trabalho vincula-se às pesquisas ambientadas na ciência Linguística, sob o viés metodológico da Sociolinguística Laboviana. O modelo tem como princípio basilar o entendimento de que o processo de variação e mudança linguística está relacionado à heterogeneidade característica da comunidade de fala estudada (LABOV, 2008). Nesse contexto, fatores como sexo, idade, profissão, origem e atitude exercem influência no comportamento linguístico de cada membro da comunidade de fala, o que pode acarretar variação linguística e, possivelmente, mudança.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a variação sintática das sentenças negativas na fala culta do português fortalezense. Para isso, traçou-se como objetivos específicos:

- a) averiguar a influência das variáveis linguísticas sob a realização das variantes controladas;
- b) investigar o comportamento das variáveis sociais sexo e idade sobre a realização das variantes controladas;
- c) verificar a existência de indícios de mudança em progresso.

Como hipóteses de pesquisa, as quais serão testadas e constatadas ou não ao final desta análise, acredita-se que:

- d) as variáveis linguísticas tipo de oração, tipo de sujeito e presença ou ausência de termo negativo atuam como contextos favorecedores para a realização das variantes inovadoras;
- e) as variáveis sociais sexo e faixa etária atuam como contextos favorecedores para a realização das variantes inovadoras;
- f) as variantes inovadoras estão ampliando seu contexto de realização, indicando um quadro de mudança em progresso.

Os dados desta pesquisa foram extraídos do *corpus* Porcufort (Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza) – Fase I, idealizado e coordenado

pelo Prof. Dr. José Lemos Monteiro - UECE, no período de 1993 a 1995. A nossa amostra é constituída por 18 informantes, distribuídos em três faixas etárias e por sexo. O tipo de inquérito escolhido foi o D2 (Diálogo entre Dois Informantes), tendo em vista que esse tipo de registro é menos formal entre todos os que compõem o banco de dados. Além disso, os informantes apresentam alto grau de intimidade, o que contribui para que a ocorrência de enunciados seja a mais espontânea possível.

Uma vez situado no interior dos estudos da Sociolinguística Variacionista, este trabalho objetiva contribuir para o melhor entendimento de fenômenos linguísticos variáveis ao situar a ocorrência da variação linguística relativa ao uso das estratégias de negação verbal no português culto falado na capital cearense: Fortaleza. Além disso, este estudo possibilita a comparação dos resultados obtidos com os de outros estudos que analisam o mesmo fenômeno em outras localidades do país, evidenciando, assim, o comportamento do falante culto fortalezense em relação a esse aspecto linguístico.

Dessa maneira, este trabalho apresenta a seguinte divisão:

- **Introdução**, a qual apresenta a delimitação do objeto de estudo desta pesquisa, o fenômeno em análise, a justificativa da pesquisa, questão de pesquisa, hipóteses e objetivos, tanto geral quanto específicos, a metodologia utilizada e uma descrição das seções que compõem a pesquisa.
- **Capítulo 1**, intitulado “**O objeto da pesquisa: as negativas sentenciais**”, o qual é subdividido em duas subseções que apresentam as hipóteses existentes a respeito do surgimento das variantes inovadoras, além de apresentar os estudos variacionista desenvolvidos com foco nas negativas sentenciais.
- **Capítulo 2**, intitulado “A teoria da variação e mudança linguística”, no qual é apresentada a teoria que fundamenta esta pesquisa, a saber, a teoria variacionista.
- **Capítulo 3**, intitulado “Aspectos metodológicos”, no qual serão apresentadas a metodologia da pesquisa, uma descrição do banco de dados utilizado para formar a amostra da pesquisa e uma breve descrição a respeito da capital cearense no período em que a constituição do banco de dados aconteceu.

- **Capítulo 4**, intitulado “Análise e discussão dos dados”, no qual são apresentados os resultados obtidos bem com a comparação com os resultados de outros estudos.
- **Capítulo 5**, intitulado “Considerações Finais”, finalizando o estudo com as considerações a que chegamos por meio da análise dos resultados obtidos ao longo da pesquisa.

2 O OBJETO DA PESQUISA: AS NEGATIVAS SENTENCIAIS

Neste capítulo, apresentamos algumas hipóteses que explicam o surgimento das variantes inovadoras e apresentamos alguns estudos variacionistas sobre a variação da negação sentencial no português brasileiro.

2.1 HIPÓTESES SOBRE O SURGIMENTO DAS VARIANTES INOVADORAS

A negação é um fenômeno linguístico comum a todas as línguas e que pode se materializar de diferentes maneiras, a depender da língua que está sob observação. Em português brasileiro, este fenômeno se manifesta em pelo menos três estratégias sentenciais, como é possível observar por meio dos exemplos que se seguem²:

- **Negação pré-verbal (Neg + V) ou Neg 1:**

“não vai ter nenhum dia à tarde” (Inq. 07)

“e não existia praticamente emprego pra engenheiro químico...” (Inq. 45)

- **Negação dupla (Neg + V + Neg) ou Neg 2:**

“não existe não” (Inq. 07)

“não fala não eu que pensei” (Inq. 11)

- **Negação pós-verbal (V + Neg) ou Neg 3:**

“sei que que eu faço não mais não” (Inq. 16)

“viu não” (Inq. 39)

Como é possível perceber por meio das ocorrências supracitadas, retiradas das entrevistas utilizadas para compor o *corpus* desta pesquisa, as três maneiras de construir uma sentença negativa em PB não se diferenciam quanto a seu significado proposicional, podendo ser alternadas em um mesmo contexto sem que haja perda de significado.

Diante disso, faz-se necessário destacar que a negativa pré-verbal é considerada pela literatura como a forma canônica de uma sentença negativa, portanto a mais utilizada no português e cuja distribuição não possui restrições. As variantes *negativa dupla* e *negativa pós-verbal* são, por sua vez, as variantes inovadoras deste fenômeno e, dessa forma, possuem contextos de aplicação mais restritos.

² Exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa.

Conforme afirma Nascimento (2014), a variante pós-verbal é a forma inovadora de menor frequência de uso e que tem sua utilização mais recorrente na fala de indivíduos da comunidade nordestina, sendo vista por Schwegler (1988) como um processo comum de mudança das sentenças negativas em línguas românicas, motivado principalmente por questões pragmáticas.

Nesse sentido, o estudo desenvolvido pelo autor, o qual analisou o PB e o palenquero, língua crioula falada na Colômbia, mais especificamente no Sudeste de Cartagena das Índias, constatou que motivação para o uso da pós-verbal está associada ao desejo de negar uma afirmação implícita ou explícita feita no discurso anterior, enquanto a negativa pré-verbal é utilizada em negações simples.

A negativa dupla, por sua vez, quando comparada com a negativa pós-verbal, tem uso mais frequente e tem despertado o interesse de diversos estudiosos do assunto. Estudos como o de Roncarati (1996), Schwenter (2004) e Furtado da Cunha (1996; 2001) atestam ser a negativa dupla uma espécie de reforço, sendo entendida como parte de um processo de mudança na negação, similar ao que ocorre no ciclo de Jespersen (SALLES FILHO, 1980; FURTADO DA CUNHA, 1996, 2001).

O ciclo de Jerpersen é um processo de mudança linguística no qual a partícula negativa muda de lugar, isto é, sai da posição pré-verbal para a posição pós-verbal, passando por um período de transição em que possui duas partículas. De acordo com Jespersen (1917), o processo ocorre da seguinte forma:

[...] o advérbio negativo original primeiramente se enfraquece, depois é considerado insuficiente e, portanto, reforçado, geralmente através de alguma palavra adicional, e esta, por sua vez, pode ser entendida como a negativa adequada. No decorrer do tempo, pode, então, estar sujeita ao mesmo desenvolvimento que a palavra original. (JESPERSEN, 1917, p. 4. **Tradução nossa**)³.

Para exemplificar o processo de mudança a partir do Ciclo de Jerpersen, Nascimento (2014) utiliza a partícula *ne* no francês moderno, que atualmente é utilizado de forma opcional, cabendo à partícula *pas* a função de negar a sentença, como em *Je ne dis pas*⁴.

³ No original: "The original negative adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in its turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same developments the original word".

⁴ Tradução: Eu não digo.

Assim, é possível supor que a partícula *ne* caia em desuso na língua francesa, tendo como consequência a mudança do processo de negação sentencial na referida língua, fazendo com que a negação passe ocorrer somente com a utilização da partícula pós-verbal, finalizando o ciclo.

Paralelamente, podemos realizar uma reflexão acerca do que acontece com a negativa dupla no PB. É possível pensarmos em um processo de mudança, no qual o não pré-verbal começa a perder força, criando a necessidade de uma segunda partícula que funcione como reforço desta negativa. Como exemplo, podemos citar a variante fonológica *num*, que funcionaria como um indicativo desse enfraquecimento do não pré-verbal e, por este motivo, necessitaria de um reforço por meio da presença da partícula não em posição pós-verbal.

Em um estudo que compara o processo ocorrido na língua francesa com a negativa dupla no PB, Furtado da Cunha (1996) aponta a redução fonológica de *não* para *num* como causa do aparecimento do segundo *não* existente nas construções sentenciais de negação dupla. Ao falar sobre as similaridades dos processos, a autora afirma:

Essas semelhanças autorizam a interpretação de que a negativa dupla no português de Natal está em processo de gramaticalização. Após um estágio de estabilidade dessa estrutura, com a co-ocorrência dos dois marcadores negativos, é de se esperar que, na fala, o não que antecede o SV seja completamente omitido, via reanálise, tendo como resultado a estrutura SV+não, que, por sua vez, passa a sofrer o processo de gramaticalização, a exemplo do que se deu no francês. (FURTADO DA CUNHA, 1996, p. 104).

A hipótese acima foi testada, e refutada, por Alkmim (2001), que não identificou a existência de uma correlação entre o enfraquecimento do *não* pré-verbal e o aparecimento do *não* pós-verbal em sentenças com negação dupla em seus estudos. Em seus resultados, Alkmim verificou a existência de peso relativo de 0.5 para a negação dupla com a partícula *num* e peso relativo de 0.49 com o *não* pleno, demonstrando que esse fator não apresenta relevância quantitativa. Ao correlacionar os dados com o fator idade, os resultados mostraram certo favorecimento de realização do fenômeno na faixa etária dos idosos, que apresentou peso relativo de 0.55, enquanto a faixa etária mediana teve peso relativo de 0.48 e os jovens de 0.47.

Dessa forma, o surgimento da partícula de reforço *não* no PB parece não se enquadrar nessa hipótese, o que nos leva a dissertar sobre uma segunda hipótese de surgimento para esta partícula, como o contato com línguas de origem africana,

apresentado pelos estudos de Mello *et al.* (1998), Souza e Lucchesi (2004) e Bonvini (2008).

De acordo com essa hipótese, a origem das negações duplas seria resultado do contato entre a língua portuguesa e as línguas de escravos africanos. Assim,

[...] a convivência entre os africanos e os portugueses teria ocasionado uma situação de bilinguismo, uma vez que os africanos tinham sua própria língua, mas tiveram de aprender a língua portuguesa e, nesse processo, algumas características das línguas africanas teriam sido transportadas para a língua portuguesa, entre elas, a dupla negação e a negação pós-verbal. (NASCIMENTO, 2014, p. 23).

Em seu trabalho desenvolvido com línguas do grupo banto, Petter (2004) demonstrou similaridades entre a negação no português brasileiro e línguas crioulas, como ocorre no quicongo, em que a negação é duplamente marcada, como é possível ver nos exemplos a seguir:

kètùdìidikò⁵

/ke - tù + O + dî + IDI / kò/

/neg – IS + imediato + base verbal – aspecto / neg/

/não/ nós + imediato+ comer– acabado / não/

‘Nós não comemos’

Mello *et al.* (1998) também aponta semelhanças da negação dupla e da negação pós-verbal com a negação em línguas crioulas, como o palenquero, sugerindo que este fato explicaria o surgimento das variantes negativas não canônicas no PB, tendo em vista que, durante o Brasil Colônia e o Brasil Império, a presença de línguas oriundas dos grupos africanos kwa e banto foi muito forte.

Furtado da Cunha (2001) reforça essa hipótese por meio de um estudo realizado com base na Linguística Funcional Sistêmica, o qual apresentou evidências de que de fato as variantes inovadoras de negação sentencial no PB se desenvolveram a partir de pressões rivais sofridas pelo sistema linguístico.

O estudo apresenta duas análises, uma diacrônica, que utiliza textos em língua portuguesa arcaica, produzidos entre os séculos XIII até meados do XVI, além de mais dois textos produzidos um no XVI e o outro no século XVIII, e outra sincrônica, a qual

⁵ Petter (2004, p. 271).

tem seu corpus constituído por dados extraídos de três tipos de bancos de dados, com o intuito de verificar a ocorrência das negativas em análise. São eles:

- i. o *corpus* Discurso e Gramática (D&G)⁶;
- ii. bancos de dados como o PEUL⁷, *A linguagem falada de Fortaleza*, NURC⁸;
- iii. uma amostra do português europeu atual.

Nosso trabalho se debruçará na discussão tecida pela análise sincrônica do trabalho de Furtado da Cunha (2001).

A partir de uma coleta de dados realizada por meio da gravação de relatos dos informantes, a autora chegou às seguintes observações:

- não houve ocorrência de negativas duplas ou finais nos dados da cidade de Rio Grande - RS;
- não houve registro de realização de negativa final nos dados do *corpus* de Niterói-RJ;

Para a autora, esses resultados foram consequência da escolha do tipo de coleta de dados realizado, tendo em vista que a observação empírica a possibilitou identificar a realização das negativas finais em situações de respostas a perguntas diretas.

Assim, um novo banco de dados foi criado, o Banco conversacional⁹, o qual foi constituído por amostras de conversação natural de informantes oriundos da cidade de Natal (RN) com certo grau de familiaridade.

Com os novos dados, a autora pode realizar uma comparação com os dados obtidos com o *corpus* anterior e constatar que a variante inovadora pós-verbal ocorre

⁶ Este *corpus* tem pesquisas desenvolvidas na área da linguística funcional e possui amostras de fala de cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro (93 inf.), Natal (20 inf.), Rio Grande (20 inf.), Juiz de Fora (20 inf.) e Niterói (18 inf.). As coletas foram realizadas entre nos anos de 1991 e 1992 e pode ser acessado pelo link: <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br>.

⁷ Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, coordenado pelo prof. Anthony Naro, possui sete tipos de amostras de dados de fala e escrita do Rio de Janeiro.

⁸ Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou (CNPq/FAPERJ), possui cerca de 350 horas de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX. Disponível em: <https://nurcrj.lettras.ufrj.br/>

⁹ O banco conta com 20 conversações entre falantes natalenses sobre assuntos do dia a dia. Todas as gravações foram devidamente transcritas seguindo as normas utilizadas pelo Projeto Norma Urbana Oral Culta (NURC), outras estabelecidas pelo Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, além da metodologia elaborada pelo prof. John Du Bois, da University of California, Santa Barbara. As conversas são altamente interativas e se dão entre pessoas que se conhecem, mas não compartilham as mesmas atividades ocupacionais. Disponível em: www.bancoconversacional.org.br.

em maior frequência na fala espontânea, principalmente em contexto de pergunta e resposta.

Dessa forma, Furtado da Cunha (2001) analisou os resultados obtidos e concluiu que há o enfraquecimento da primeira partícula em negativas duplas, apontando duas possíveis consequências para esse processo: a partícula negativa pós-verbal seria reanalisada como parte da sentença negativa e, devido ao seu enfraquecimento fonológico, a não pré-verbal seria reinterpretada como um elemento opcional, o que leva ao surgimento da construção *SV+não*.

Como foi possível constatar, há diferentes teoria que explicariam o surgimento das negativas inovadoras em português brasileiro e todas elas podem ser assumidas em pesquisas sobre o assunto. No entanto, não é o foco deste trabalho discutir as origens dessas variantes. Dessa forma, limitamo-nos a analisar o processo de variação deste fenômeno, identificando os contextos linguísticos e sociais que exercem influência sobre a realização de um ou outra forma.

Assim, a seção seguinte apresentará alguns estudos já realizados sobre a variação das negativas sentenciais no português falado no Brasil.

2.2 ESTUDOS VARIACIONISTAS DAS NEGATIVAS SENTENCIAIS

As negativas sentenciais no PB já foram alvo de estudo de diversos trabalhos de cunho variacionista. Nesse contexto, essa seção se debruçará sobre alguns desses trabalhos, a fim de proporcionar um panorama geral do fenômeno. São eles: Roncarati (1996), Alkmim (2001), Souza e Lucchesi (2004), Soares (2009), Santana e Nascimento (2011), Seixas, Alkmim e Chaves (2012), Nunes (2014), Nascimento (2014) e Santos (2016).

Roncarati (1996) faz uma descrição sobre os usos das estratégias de negação sentencial a partir de amostras de fala de informantes entre 10 e 42 anos de idade, de ambos os sexos, coletadas na capital cearense, Fortaleza–CE¹⁰. Para a análise, realizada através da submissão dos dados levantados ao programa computacional Varbrul, foram considerados os seguintes fatores linguísticos: tipo de frase, posição da oração negada dentro do turno, tipo de sujeito, tipo de constituinte pós-verbal,

¹⁰ Organizado por Roncarati, o Banco de Dados Internacionais constitui-se em uma amostragem muito diversificada que fotografa usos da língua em situações de fala espontânea. A coleta foi realizada em 1989 a 1990 e possui 22 gravações (RONCARATI, 1996).

escopo da negação e replicação de verbo presente em turno imediatamente anterior, além dos fatores sociais idade e sexo.

O levantamento feito pela autora obteve um total de 822 dados, os quais foram submetidos ao programa Varbrul. A análise aponta para o maior uso da negação pré-verbal (NEG + V), com percentual de uso de 77%, seguida pela negação dupla (NEG + V + NEG), com percentual de 18% de utilização e a negação pós-verbal (V + NEG), com 5%. A análise demonstrou ainda que os fatores sociais controlados não se mostraram relevantes para a realização das variantes.

Em Alkmim (2001)¹¹, a autora realiza um estudo sobre as negativas sentencias na fala mineira, com falantes nascidos em Mariana (MG). A pesquisa obteve um total de 2.505 dados entre as seguintes variantes: negativa pré-verbal, negativa dupla, negativa pós-verbal e construções formadas por quantificador/advérbio negativo, conjunção *nem* e a preposição *sem*.

Na análise, as variáveis selecionadas como relevantes pelo programa foram, nesta ordem, tipo de oração, presença/ausência de quantificador ou advérbio negativo, presença/ausência de sujeito na oração, contiguidade entre partícula *não* e o verbo, perífrase e não perífrase verbal, faixa etária escolaridade e etnia. Nesse contexto, orações não encaixadas (0.54), a ausência de quantificador (0.53), a retenção de sujeito (0.55), a não contiguidade ao verbo (0.92), a perífrase verbal (0.59), os jovens (0.60), analfabetos (0.54) e os afro-brasileiros (0.54) foram aliados da aplicação das negativas duplas.

Outro estudo sobre as negativas sentencias é o trabalho de Souza e Lucchesi (2004). Neste estudo, os autores fazem uma análise do uso das negativas na fala de uma comunidade rural afro-brasileira em Helvécia-BA¹². Para isso, a pesquisa controlou as variantes Neg. 1 (pré-verbal), Neg. 2 (negativa dupla) e Neg. 3 (negativa pós-verbal); vale ressaltar que, nas negativas duplas, foram controladas as estruturas em que a partícula negativa anterior ao verbo tinha a forma “*num*”. Os informantes estão divididos em três faixas etárias (faixa 1 - 20 a 40 anos; faixa 2 - 41 a 60 anos; e

¹¹ A pesquisa utilizou três *corpora* para compor a amostra: o primeiro foi formado por entrevistas sociolinguísticas, realizadas com falantes nascidos no município de Mariana (MG); o segundo, constituído por entrevistas de informantes nascidos em Pombal, subdistrito de Mariana, já que o primeiro foi montado com informantes nascidos na sede do município e o terceiro, um *corpus* representativo dos séculos XIX e 1ª metade do XX. Neste estudo, referimo-nos aos dados de Mariana (MG).

¹² O estudo faz parte do projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia e de Sergipe.

faixa 3 - mais de 60 anos) e os grupos de fatores selecionados pelo Varbrul foram: tipo de oração, tipo de frase, tipo de complemento pós-verbal, sexo e faixa etária.

De acordo com a análise, os fatores oração absoluta (.58) e oração subordinada substantiva (.58) favorecem a realização de negativas duplas e pós-verbais. Quanto ao tipo de frase, o fator que exerce influência sobre as variantes inovadoras é resposta à pergunta direta – sim ou não – (.69). Em relação ao tipo de complemento pós-verbal, a análise verificou que há maior realização de negativas duplas/pós-verbais quando essas variantes estão associadas a verbos intransitivos ou transitivos ou têm seu complemento não-realizado (.57). Sobre as variáveis sociais, o estudo constatou que as mulheres (.57), os adultos (.57) e os idosos (.56) favorecem a realização das variantes inovadoras.

O estudo realizado por Soares (2009)¹³ investigou a realização das negativas sentenciais no contato entre os dialetos cearense e carioca. O levantamento feito reuniu 208 ocorrências, nas quais predomina a utilização da variante conservadora (negativa pré-verbal, 82%). As variáveis linguísticas analisadas pelo estudo foram tipo de sujeito, tipo de complemento verbal, traço propulsor, tipo de oração e realização fonética do “não” pré-verbal. Além disso, a autora também realizou um cruzamento de fatores na variável trato propulsor, obtendo os seguintes cruzamentos: traço propulsor e tipo de sujeito; traço propulsor e tipo de complemento verbal; traço propulsor, tipo de sujeito e tipo de complemento verbal. No tocante às variáveis sociais, foram analisadas as variáveis gênero¹⁴, escolaridade, idade com que saiu do Ceará e grau de convívio com cariocas.

Devido à pequena quantidade de dados obtida pelo levantamento do referido estudo, as autoras esclareceram que o programa não apresentou pesos relativos, fazendo com que o estudo exibisse apenas as frequências obtidas pelas variáveis analisadas.

Em seu estudo sobre variação nas estruturas negativas do português falado na comunidade rural da Matinha (BA), Santana e Nascimento (2011) levantaram 541 dados, nos quais predominam a realização da variante pré-verbal¹⁵, com 78% de realização, seguidos por 20% de realização da dupla negação e 2% de realização das

¹³ O *corpus* da pesquisa possui quatro informantes e foi construído a partir de entrevistas realizadas pela pesquisadora.

¹⁴ Nomenclatura utilizada pela autora.

¹⁵ *Corpus* constituído por seis entrevistas retiradas do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*.

negativas pós-verbais. Os grupos de fatores selecionados pelo Programa Goldvarb X como favorecedores para a realização das variantes inovadoras foram: tipo de oração (absoluta - .67); tipo de verbo (ação/movimento/processo/evento - .58), tipo de sujeito (2ª pessoa - .94) e uso de TV (pessoas que pouco ou raramente assistem TV - .70). Com a pesquisa, as autoras concluíram que a variação ocorrida na comunidade tem relação com fatores sociais e linguísticos, como o tipo de oração, tipo de verbo e tipo de sujeito. No entanto, destacaram que a variante padrão – a negação pré-verbal – possui uso mais expressivo quando relacionada às variantes não padrão.

As construções negativas também foram alvo de estudo de Seixas, Alkmim e Chaves (2012). Em pesquisa realizada com 30 informantes da zona rural de Piranga (MG), 15 homens e 15 mulheres, distribuídos em três faixas etárias (jovens, medianos e idosos), os autores levantaram 2065 construções negativas, das quais 1505 foram negativas pré-verbais (57,8%), 1.021 negativas duplas (39,2%) e 79 negativas pós-verbais (3%). Para a análise, foram controladas as variáveis sexo e idade. Quanto à variante canônica, os resultados apontaram peso relativo de .52 para os idosos e .39 para os jovens; a negativa dupla e a negativa pós-verbal foram mais utilizadas por falantes jovens (.60 e .76, respectivamente), o que indica, de acordo com os pesquisadores, um indício de mudança em progresso. Quanto à variável sexo, os pesos relativos encontrados foram de .50 para homens e .47 para mulher, valores considerados estatisticamente irrelevantes para a análise.

Nunes (2014) apresenta um breve estudo feito com uma subamostra retirada do banco de dados organizado pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). A pesquisa mostra que a variante canônica, isto é, a negação pré-verbal, é a estrutura mais utilizada pelos falantes cariocas (73,1%). Além disso, o estudo verificou que a 1ª pessoa do sujeito mostrou-se ser o fator linguístico que favorece a utilização da variante dupla negação (69,2%), assim como o tempo presente (83,2%).

Com relação às variáveis sociais, identificou-se que o gênero feminino foi o grupo que mais usou a variante conservadora (72,7%); a faixa etária mostrou que os mais jovens, apesar de usarem mais a variante inovadora que os mais velhos (32,8% para a variante dupla e 0,8% para a variante pós-verbal daqueles contra 20% e 2,1%, respectivamente, destes), utilizam com maior frequência a variante conservadora (66,4%). Quanto à escolaridade dos falantes, percebeu-se que as variantes inovadoras, negação dupla e negação pós-verbal são mais utilizadas por falantes com

menos escolaridade (28,2% e 2,2%); no entanto, neste grupo, predomina o uso da variante canônica (66,4%). Após as análises, a autora conclui que o fenômeno se configura como um processo de mudança em andamento.

Nascimento (2014) fez uma análise das estruturas negativas utilizadas pelos falantes capixabas. O trabalho conta com amostras de fala de 18 informantes e obteve um total de 2.263 dados¹⁶. Os resultados alcançados pela pesquisa evidenciaram índices de realização de 77,4% para as negativas pré-verbais, 21,1% para as negativas duplas e 1,5% para as negativas pós-verbais. Além disso, foram realizadas três rodadas (negativa pré-verbal versus dupla negativa + negativa pós-verbal; dupla negativa versus negação pré-verbal + negativa pós-verbal e, por último, negação pós-verbal versus dupla negação + negação pré-verbal) e os fatores selecionados relevantes foram: tipo de sequência discursiva, ausência ou presença de marcadores conversacionais, ausência ou presença de reforço negativo, tipo de oração, status informacional do discurso e gênero/sexo.

Santos (2016) realizou uma pesquisa sobre as negativas sentenciais na fala popular de Fortaleza (CE). O estudo conta com amostras de fala de 53 informantes¹⁷ estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a escolaridade (0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos) e a faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir de 50 anos). As variáveis linguísticas controladas foram: tipo de oração, estrutura do verbo, tipo de verbo, tempo verbal, tipo de sujeito e tipo de frase.

A análise obteve um total de 2.350 dados, os quais apontaram índices de realizações de 69,8% para as negativas pré-verbais, 21,8% para as negativas duplas e 9,1% para as negativas pós-verbais. Foram realizadas sete rodadas, as quais demonstraram que os grupos de fatores mais relevantes para a realização da variante conservadora foram: tipo de oração, tipo de frase e tipo de sujeito. Quanto aos fatores sociais, grau de escolaridade e faixa etária foram considerados condicionadores das variantes inovadoras.

Oliveira e Santos (2021) realizaram uma análise sobre o uso das negativas sentenciais, especificamente, as variantes pós e pré-verbais, no falar culto de Fortaleza-CE. Com o objetivo de verificar, em tempo real, qual variante é mais produtiva na amostra e também analisar quais fatores linguísticos e/ou

¹⁶ Entrevistas retiradas do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix).

¹⁷ As amostras de fala foram retiradas do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR – Fase I).

extralinguísticos influenciam no uso da negativa pós-verbal, o estudo utilizou-se de um recorte no quadro geral do banco de dados PORCUFORT, em ambas as fases, ou seja, Fase I e II, nas quais foram selecionados 12 informantes para a composição da referida amostra. Os resultados alcançados apontam para maior utilização das negativas pré-verbais na amostra coletada na década de 2010. Além disso, identificou-se que o grupo de fatores sociais mais relevantes para a realização das variantes inovadoras é o sexo, sendo os homens os que mais utilizam a referida variante, enquanto as mulheres utilizam a variante conservadora com maior frequência. Quanto aos fatores linguísticos, o estudo identificou que a variável tipo de oração atua como fator condicionador da variante inovadora. Por fim, as autoras ressaltam que, devido aos poucos dados extraídos da amostra de 1990 (170), não foi possível realizar a análise dessa amostra, pois o programa computacional não pode concluir a análise da Fase I.

Os estudos apresentados oferecem uma breve contextualização a respeito do comportamento do fenômeno em foco nesta análise. Tais pesquisas mostram que há maior concentração de trabalhos a respeito das negativas na região Sudeste do Brasil, porém é possível identificar o desenvolvimento de pesquisas, embora de forma discreta, em outras regiões do país, inclusive na capital cearense, cidade da comunidade de fala selecionada para esta pesquisa.

3 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Ao conceber a língua como objeto da Linguística, Saussure (2012[1916]) deu um grande passo dentro dos estudos linguísticos, o qual culminou na inauguração de uma nova ciência no início do séc. XX. Nesse contexto, a língua era entendida como um homogêneo sistema de valores, valores estes que seriam estabelecidos mediante uma convenção social e sobre os quais o falante não exerceria nenhum tipo de poder.

Por meio do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma do autor, organizada por seus alunos, Saussure apresenta uma série de polêmicas dicotomias, dentre as quais destacam-se *Langue x Parole* e *Sincronia x Diacronia*. Conforme esclarece o linguista, a *langue* (língua) é o aspecto social da linguagem, homogênea e independente do falante; a *parole* (fala), por sua vez, é o aspecto individual da linguagem (SAUSSURE, 2012[1916]) e ao qual estaria associada à variação na língua. Dessa forma, a preocupação da nova ciência estaria voltada para a descrição do caráter homogêneo do sistema linguístico. Esse princípio foi seguido tanto pelo estruturalismo quanto pelas demais correntes linguísticas que se seguiram, como a glossemática de Hjelmslev e o gerativismo de Chomsky.

A dicotomia *Sincronia x Diacronia*, por seu turno, está relacionada ao recorte temporal estabelecido para o estudo linguístico que será desenvolvido. Nesse sentido, um estudo diacrônico é aquele que “trabalha com mudanças que ocorrem nas línguas através do tempo” (PIETROFORTE, 2011, p. 79); um estudo sincrônico, em contrapartida, é aquele que analisa um estado de língua, ou seja, um recorte temporal em que o sistema linguístico é “isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado [...] não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros”¹⁸. Para Saussure, o foco estava em estudar o sistema linguístico em seu aspecto sincrônico, pois dessa forma o caráter dinâmico da língua poderia ser desconsiderado, limitando o estudo a um estado da língua considerado “estático e discreto” (LUCCHESI, 2004, p. 30).

O entendimento de que o sistema linguístico poderia receber interferência dos aspectos sociais é uma visão relativamente nova, que ganhou força a partir da década de 1960, com os primeiros estudos que pressupunham haver uma relação entre a

¹⁸ PIETROFORTE, *loc. cit.*

língua e a sociedade. Esses estudos, iniciados pelo linguista norte-americano William Labov, evoluíram e deram origem à Teoria da Variação e da Mudança Linguística.

Ao questionar a distinção saussuriana entre língua e fala, Labov (2008) aponta o que chama de paradoxo saussuriano. De acordo com o estudioso, a dicotomia *langue x parole* carrega um aspecto paradoxal: por um lado, por ser a língua entendida como um sistema homogêneo, localizado virtualmente no cérebro de cada falante, a análise das realizações linguísticas de apenas um indivíduo bastaria para se obter o aspecto social da linguagem; por outro lado, para que se tenha acesso às características individuais da língua, seria necessária a análise da fala em um contexto de interação, ou seja, um contexto social.

Conforme afirma Monteiro (2000), compreender Labov implica compreender dois aspectos inerentes à língua: i. seu caráter social; ii. o fato de que a variação faz parte do sistema. Assim, Labov rompe com a visão estruturalista que se tinha da língua, a qual, por concebê-la como um sistema homogêneo, não incluía em seu escopo aspectos de natureza social.

Os esforços iniciais de inserir uma perspectiva social na análise linguística podem ser percebidos em Bright (1966) e Fishman (1972), mesmo que sem muito sucesso. A tentativa ainda incipiente de um novo modelo de estudo apontava para uma identificação vaga de relação entre língua e sociedade, tendo como objeto de estudo a diversidade linguística. Apesar de não conseguir definir claramente seus objetivos, três pontos principais na tese de Bright a respeito da diversidade da língua devem ser destacados: “a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa.” (MONTEIRO, 2000, p.15).

Foi com os trabalhos desenvolvidos por Labov, no entanto, que a criação de um modelo de análise linguística que contemplasse a heterogeneidade linguística e sua relação com fatores sociais obteve êxito, tornando-o o maior representante da denominada Teoria da Variação e Mudança Linguística.

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, é um modelo teórico-metodológico que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, com os estudos do linguista norte-americano William Labov. Como esclarece Tarallo (1986, p.7),

O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Em seu estudo desenvolvido na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets, o norte-americano William Labov relacionou a fatores sociais o processo de variação e mudança linguísticas. Neste trabalho, o qual culminou em sua dissertação, o autor analisou a motivação social da mudança sonora na posição fonética dos ditongos /ay/ e /aw/.

Contando com 69 entrevistas de falantes nativos da ilha – de diferentes faixas etárias e pertencentes aos três principais grupos étnicos da ilha – e cerca de 3500 ocorrências de /ay/ e 1500 de /aw/, a pesquisa identificou na centralização dos referidos ditongos uma postura de resistência e um sentimento de identificação como nativo da ilha, ou seja, “uma atitude positiva em relação a Martha's Vineyard” (LABOV, 2008, p. 59). Com esse estudo, Labov rompeu com o conceito de língua apresentado por Saussure (2012[1916]), isto é, a língua como um sistema homogêneo, ultrapassando-o.

Ao destacar a importância dos fatores sociais na análise linguística, Labov (2008, p. 20) afirma que

[...] uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige explicação.

Nesse sentido, de acordo com Labov (2008), o processo de variação e mudança linguísticas está relacionado à heterogeneidade característica da comunidade de fala estudada. Assim, fatores como sexo, idade, profissão, origem e atitude exercem influência no comportamento linguístico de cada membro da comunidade de fala, o que pode acarretar variação linguística e, possivelmente, mudança.

Outro estudo realizado por Labov considerado pioneiro no tratamento da correlação entre as variações linguísticas e as diferenças sociais no âmbito de uma comunidade foi a pesquisa sobre a estratificação social no inglês em Nova York, em 1966, a qual resultou em sua tese de doutorado. Com essa investigação, Labov fixou o modelo hoje conhecido como Sociolinguística Variacionista: um modelo de análise

linguística que relaciona a análise do fenômeno linguístico à situação social das comunidades estudadas.

Nesse estudo, Labov analisou a estratificação social do /r/ em posição pré-consonântica e posição final, com estilos de fala casual e enfático, em lojas de departamento da cidade de Nova York. Para o levantamento dos dados, o linguista utilizou uma coleta sistemática de evento de fala casuais e anônimos, definida por Labov no seguinte processo:

O entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento específico. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: “Por favor, onde ficam os sapatos femininos?”, a resposta geralmente era: “*Fourth floor*” (“Quarto andar”). O entrevistador então se inclinava para a gente e dizia: “Como?”. Normalmente, ele obtinha outro enunciado: “*Fourth floor*”, pronunciado em estilo monitorado com acento enfatizado. (LABOV, 2008, p.70).

Contando com 264 entrevistas, realizadas com vendedoras de três lojas que possuíam uma hierarquia de prestígio social bem definida, a análise revelou uma “nítida e coerente estratificação do (r) nas três lojas”¹⁹: quanto maior o prestígio da loja, maior a frequência de realização do /r/²⁰. Nesse contexto, Labov reafirma a efetividade de uma análise da língua que considere não apenas os fatores internos ao sistema linguístico, mas também os fatores extralinguísticos. Para além disso, o linguista não concebe a existência de uma prática linguística bem-sucedida que não considere o aspecto social da língua, daí sua resistência em aceitar o termo “sociolinguística” para a designação da nova área. No entanto, acaba “aceitando” a nomenclatura por entender que ela diferencia a referida teoria daquelas até então existentes. Em suas palavras:

Por vários anos, resisti ao termo “sociolinguística”, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social. [...] Apesar de um considerável volume de atividade sociolinguística, uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960. [...] Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008, p.13).

¹⁹ *ib.* p. 71.

²⁰ Há no estudo outros recortes realizados a partir de outras variáveis independentes, a saber: raça, ocupação e faixa etária. As análises reafirmaram os resultados iniciais obtidos a partir da estratificação geral de (r), reafirmando a hipótese geral do autor: “se dois subgrupos quaisquer de falantes novaiorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)” (*ib.* p. 65).

Consolidando as descobertas de seus estudos anteriores, Labov, em parceria com os estudiosos Uriel Weinreich e Marvin Herzog, publicou, em 1968, o artigo *Empirical Foundations for Theory of Language Change*, o qual concebe uma língua heterogênea e plural, cujas variações acontecem devido a fatores sociais. Conforme comentam Paiva e Duarte (2006, p. 131), “Ao enfatizar o lugar central da variação e da mudança nas línguas naturais e explicitar os diversos aspectos envolvidos nesses processos, os autores abrem espaço para o desenvolvimento de uma modelização orientada por questões preciosas”.

Desse modo, Labov define a variação como objeto de estudo da Sociolinguística. Assim, a variação é entendida como intrínseca a qualquer sistema linguístico, além de ser suscetível à análise e à descrição científica. Nesse sentido, para o modelo sociolinguístico, a variação ocorre quando duas ou mais formas linguísticas disputam “o mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO et al., 2018, p.16), a partir de influências de fatores internos e externos ao sistema linguístico (MOLLICA, 2015). Em consequência disso, “as análises da língua deixam de contar apenas com elementos internos ao sistema e passam a considerar fatores extralinguísticos para a explicação de fenômenos de variação e mudança” (COELHO et al., 2018, p.59).

Os estudos iniciados por Labov em 1963 estimularam a realização de diversos outros estudos relacionados ao funcionamento do inglês vernáculo nos Estados Unidos. Conforme aponta Tarallo (1986), estes estudos se ampliaram em outras comunidades de fala, alcançando países de língua espanhola, francesa e portuguesa.

O sucesso dos estudos fonológicos desenvolvidos motivou os entusiastas do modelo laboviano a ampliar a aplicação do método para os outros níveis da língua, como a sintaxe. No entanto, a tarefa se mostrou bem mais complexa do que inicialmente parecia, haja vista as dificuldades identificadas: encontrar um número expressivo de dados para o desenvolvimento da análise, controlar a interferência das diferenças de estilo e manter o significado em formas alternantes no nível sintático, por exemplo; esta última, conforme aponta Paredes Silva (2015), tornou-se o ponto “mais polêmico na abordagem da variação em fenômenos não fonológicos” (p. 68).

Embora o princípio de que a variação ocorre nos diversos níveis do sistema linguístico encontre-se atualmente estabelecido, a concepção da existência desse

processo para além do nível fonológico, como a que ocorre nas negativas sentenciais, objeto de estudo desta pesquisa, recebeu duras críticas. Dentre elas, destaca-se a de Beatriz Lavandera (1977), ex-discípula de Labov, a qual posicionou-se de forma contrária a essa visão, argumentando que há diferenças significativas (de nuance ou de estilo) entre duas ou mais formas linguísticas não fonológicas que possuem um mesmo referente, diferenças essas que inviabilizariam a equivalência entre as referidas formas (ARAÚJO, 2014).

Nas palavras de Lavandera (1977, p. 176),

Assim, a primeira diferença que se pode apontar entre variáveis fonológicas e não-fonológicas é que as variáveis fonológicas que se pode demonstrar terem significado social e estilístico não precisam de ter significado referencial, enquanto as variáveis não-fonológicas são definidas de modo a que, mesmo quando têm significado social e estilístico, também tenham significado referencial, embora este significado referencial seja considerado como sendo o mesmo para todas as variantes. (LAVANDERA, 1977, p. 176 – tradução nossa).²¹

Dessa maneira, Lavandera questiona a noção de equivalência semântica com a qual a Sociolinguística Laboviana trabalha: a de que duas (ou mais) formas são entendidas como variantes quando estas possuem um mesmo significado em um mesmo contexto. Para a linguista, esse conceito, o qual é visto como limitado, deveria ser substituído pela ideia de comparabilidade funcional (CAMACHO, 2010).

O debate iniciado por Lavandera se mostrou produtivo e auxiliou no refinamento do conceito de significado com o qual Labov trabalhava. Em resposta à Lavandera, Labov (1978) esclarece que dizer que duas afirmações se referem ao mesmo estado de coisas significa dizer que ambas possuem o mesmo valor de verdade, tornando, assim, o significado mais restrito e diferenciando o modelo sociolinguista da vertente formalista predominante.

Nesse contexto, as diferentes formas de negação sentencial as quais foram selecionadas para serem analisadas nesta pesquisa, a saber a negativa pré-verbal, a negativa dupla e a negativa pós-verbal, configuram-se como variantes de uma mesma variável, haja vista possuírem o mesmo significado representacional, conforme definido por Labov.

²¹ Originalmente: “Thus the first difference which can be pointed out between phonological and non-phonological variables is that phonological variables which can be shown to have social and stylistic significance need not have referential meaning, while non-phonological variables are defined so that even when they do carry social and stylistic significance they also have referential meaning, although this referential meaning is held to be the same for all variants.”

Uma vez esclarecido que a Sociolinguística concebe a língua como um sistema heterogêneo e tem a variação como seu objeto de estudo, sendo essa variação passível de sistematização, faz-se necessário evidenciar que esse sistema dotado de heterogeneidade comporta regras categóricas e regras variáveis, isto é, regras que se aplicam da mesma forma, independentemente de seu contexto, e regras que são condicionadas por fatores relacionados ao contexto linguístico e social, respectivamente (COELHO *et al.*, 2018).

Labov (2003, p. 241-243) descreve os tipos de regras existentes e quais as frequências de realização de tais regras:

Quadro 1 – Tipologia das regras linguísticas segundo Labov

Tipo de regra	Frequência	Violação
Tipo I – Categórica	100%	Nenhuma em fala espontânea
Tipo II - Semicategórica	95% - 99%	Rara e reportável
Tipo III - Variável	5%-95%	Nenhuma, por definição e não contabilizável

Fonte: Labov (2003, p. 241-243).

Conforme aponta o quadro acima, Labov considera a existência de três regras linguísticas, as quais atuam em todos os níveis do sistema linguístico. A primeira delas, a regra categórica, refere-se aos princípios universais da língua, isto é, não admitem exceções. Como exemplo, Labov cita a contração do *is* em *He's*²². Conforme explica o autor,

Ninguém é ensinado na escola as condições muito complexas sob as quais se pode, se desejado, contrair *is* em 's: que se pode fazê-lo em "*He's here*", mas não em "*Here he's*"; em "*He's ready*", mas não em "*What he's is smart*". Tais regras automáticas existem em formas de comportamento social, mas são extremamente difíceis de detectar, simplesmente porque nunca são violadas e nunca se pensa nelas em absoluto. (LABOV, 2003, p. 242 – tradução nossa)²³.

A regra semicategórica diz respeito aos casos em que há uma variação, isto é, uma alternância do uso das formas, considerada de pouca relevância (entre 95% e

²² Em português, um bom exemplo seria a posição do determinante no sintagma nominal, o qual sempre antecede o nome. Se colocado após o nome, a construção seria considerada agramatical em língua portuguesa.

²³ No original: "No one is taught in school the very complex conditions under which one can, if desired, contract *is* to 's: that one can do so in *He's here*, but not "*Here he's*"; in *He's ready*, but not "*What he's is smart*, Such automatic rules exist in all forms of social behavior, but they are extremely hard to detect simply because they are never violated and one never thinks about them at all."

99% ou abaixo de 5%). De acordo com Labov, no ambiente escolar, essas regras “são escritas com o pleno conhecimento de que as pessoas cometem efetivamente violações, e que se pode interpretar tais violações” (p. 242 – tradução nossa). Além disso, o autor afirma que as regras semicategóricas são comuns no início ou no fim de um processo de mudança linguística.

A regra variável, por sua vez, diz respeito à possibilidade de haver mais de uma forma de realização para um mesmo fenômeno linguístico. Nesse sentido, para a Sociolinguística Laboviana, essas diferentes formas, as quais são denominadas variantes, não se manifestam de forma aleatória ou arbitrária, pelo contrário, a variação está condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Como exemplo, pode-se mencionar as formas de negação sentencial analisadas nesta pesquisa, as quais comportam-se, conforme já mencionado, como variantes do fenômeno em análise.

Além dos conceitos de variação e variante, já apresentados ao longo deste capítulo, há, em Sociolinguística Quantitativa, uma gama de conceitos basilares que precisam ser esclarecidos para que a discussão possa evoluir. O primeiro deles é o conceito de variável, o qual possui duas acepções, a saber: o fenômeno em variação, ou seja, “o lugar da gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata” (COELHO *et al.*, 2018, p. 17), também denominado como variável dependente; e grupos de fatores ou variável independente (MOLLICA, 2015).

Para melhor elucidar as acepções acima referidas, pode-se utilizar como exemplo as estratégias de negação sentencial, variável dependente deste estudo. Em contrapartida, têm-se como exemplo de variáveis independentes o tipo de verbo e a faixa etária, ou seja, fatores (internos ou externos ao sistema linguístico) que podem exercer influência sobre a realização do fenômeno.

É sabido que a Sociolinguística Variacionista reconhece a importância do aspecto individual no uso da língua, porém é no contexto social que se encontra seu interesse em investigar e entender o funcionamento do sistema linguístico. Assim, é na comunidade de fala que a língua revela sua sistematicidade, uma vez que é nela que os falantes se relacionam e compartilham tanto as normas linguísticas quanto suas avaliações acerca do uso da língua (GUY, 2001; LABOV, 2008). Dessa forma, “o *locus* do estudo da língua é a comunidade de fala, não o indivíduo” (COELHO *et al.*, 2018, p.67).

Esclarecida a realidade da heterogeneidade do sistema linguístico, a relação desse sistema com a sociedade e entendido que a variação é uma característica intrínseca a ele, faz-se necessário pontuar que, em decorrência desses fatores, toda língua muda, isto é, a mudança linguística é um processo que ocorre em todas as línguas humanas. No entanto, é importante destacar que esse processo, que é contínuo, não afeta o caráter sistemático da língua a ponto de prejudicar a compreensão entre os falantes, pois a língua é dotada de uma heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]).

Nesse contexto, variação e mudança linguística estão intimamente relacionadas, contudo, apesar de toda mudança linguística ser decorrente de um estado de variação, o inverso não ocorre: nem toda variação terá como consequência a mudança linguística. Isso significa dizer que duas ou mais formas em competição podem coexistir por longos períodos sem que haja a efetivação da mudança linguística. Neste caso, as variantes encontram-se em uma situação de variação estável.

Ao discorrerem sobre os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog²⁴ (2006[1968]) apresentam os problemas que o estudo da mudança linguística precisaria resolver, auxiliando o pesquisador no desenrolar de suas investigações. São eles: o problema dos fatores condicionantes; o problema da transição; o problema do encaixamento; o problema da avaliação e o problema da implementação.

O problema dos fatores condicionantes diz respeito à identificação de um conjunto de mudanças e condições possíveis que favorecem a mudança em uma estrutura, as quais podem ser de natureza linguística e extralinguística. Nesse sentido, buscam-se os princípios universais que governariam tanto o sistema quanto o processo de variação/mudança desse sistema.

O problema da transição diz respeito à busca pela compreensão de como a língua evolui da estrutura A para a estrutura B. Para os autores, a transição entre uma forma e outra do sistema linguístico é constante; sendo assim, melhor seria considerar a língua como em um contínuo processo de transição e, dessa forma, observar a mudança enquanto ela ocorre.

²⁴ Doravante, WLH.

O problema do encaixamento está relacionado à busca por entender como o fenômeno linguístico se encaixa na estrutura linguística e na estrutura social, ou seja, uma vez que se entende que a variação é uma característica intrínseca a qualquer sistema linguístico, busca-se entender como é a relação de um fenômeno em processo de variação ou mudança com outros fenômenos linguísticos, que fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem ou desfavorecem, de alguma maneira, a realização das variantes envolvidas neste processo, entre outros aspectos.

O problema da avaliação tem relação com o valor subjetivo que os indivíduos dão à determinada variante, isto é, à avaliação que o falante faz das formas linguísticas concorrentes de uma variável. Nesse sentido, o significado social de uma variante exerce influência direta em sua realização, uma vez que formas com valor social positivo podem ter seu processo de implementação acelerado e formas com valor social negativo podem ter seu processo de implementação no sistema postergado ou até mesmo impedido.

O problema da implementação, por sua vez, diz respeito ao “enigma da implementação”, nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), ou seja, entender quais fatores (interno ou externos à estrutura linguística) são responsáveis por propiciar que a mudança de fato ocorra no sistema linguístico de determinada comunidade e em determinado período.

Conforme esclarecido, os problemas apresentados por WLH se relacionam com a mudança linguística. Como o enfoque deste estudo está no processo de variação do fenômeno da negação, não há o intuito de buscar respostas para todos os problemas supracitados. No entanto, vale ressaltar que esta pesquisa dialoga com o problema do encaixamento, isto é, procura-se entender como variáveis linguísticas e sociais atuam no favorecimento ou no desfavorecimento das variantes selecionadas e, por consequência, no fenômeno em variação.

Assim, a partir da leitura de outros estudos já realizados sobre a variação das negativas sentenciais no português brasileiro²⁵, estabeleceu-se quais fatores estruturais e sociais podem criar um ambiente de mudança da variante canônica – negação pré-verbal – para as variantes inovadoras, a fim de que fosse possível investigar o grau de correlação que esses fatores possuem com o fenômeno em análise.

²⁵ Ver Capítulo 1.

Além disso, convém esclarecer que as variantes inovadoras consideradas nesta pesquisa não são estigmatizadas, fato que pode influenciar diretamente sua realização, uma vez que, como afirma Monteiro (2000), uma variante que sofre estigma é, geralmente, utilizada por uma classe social mais baixa e desvalorizada e, por este motivo, é rejeitada. À medida que outros grupos sociais passam a utilizar essa forma linguística, o estigma tende a diminuir, podendo até mesmo acabar, desde que a classe dominante passe a aceitar tal variante²⁶.

Reafirmando que é na comunidade de fala que a mudança linguística ocorre, WLH (2000) esclarecem que é nesse ambiente que os traços de continuidade e descontinuidade da mudança se constroem e se revelam, tendo em vista que “as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais” (p. 126). Assim, é possível detectar uma mudança em curso, a partir do desenvolvimento de estudos que levam em consideração a faixa etária dos indivíduos.

De acordo com Labov (1994), a mudança pode ser atestada a partir da comparação da fala de indivíduos de diferentes faixas etárias. Nesse sentido, o primeiro tipo de estudo é o denominado estudo de mudança em tempo aparente, o qual se caracteriza por uma análise realizada através de um recorte transversal de uma amostra sincrônica, por meio da qual um fenômeno em variação é investigado a partir da observação de sua distribuição gradativa em relação às faixas etárias da população. À medida que uma variante inovadora se mostra gradativamente mais produtiva em grupos mais jovens e menos produtiva em grupos mais velhos e, em contrapartida, a variante conservadora realiza o caminho contrário, ou seja, é mais frequente na fala de indivíduos mais velhos e menos frequente na fala de indivíduos mais novos, tem-se um indicativo de mudança em curso.

Sobre esse tipo de estudo, Labov (1994) alerta que os resultados encontrados podem não refletirem necessariamente uma mudança em progresso – por isso, diz-se que há indícios de mudança -, uma vez que as diferenças identificadas entre as faixas etárias podem ser reflexo não apenas de uma mudança no sistema, mas também reflexos da influência de fatores como o nível de escolaridade, a classe social, a profissão ou ser apenas um padrão próprio do comportamento linguístico de determinada faixa etária.

²⁶ Para exemplificar, o autor utiliza o emprego do pronome pessoal ele em função de objeto direto, como em “Eu vi ele ontem”.

Por este motivo, para que a mudança seja efetivamente atestada, o autor orienta que estudos em tempo aparente sejam associados ao segundo tipo de estudo: o estudo da mudança em tempo real. Este tipo de estudo se refere ao processo de evolução da língua, caracterizando-se como uma análise diacrônica do sistema linguístico. Nesse sentido, Monteiro (2000, p. 133) afirma que há duas formas de realizar um estudo em tempo real:

O mais simples e o mais eficiente é procurar textos que no passado registrem as variantes em estudo e compará-las com os registros mais recentes. [...] O outro método é extremamente mais dificultoso: consiste, como dissemos, no retorno do pesquisador à comunidade, depois de uns vinte anos, para repetir os mesmos estudos, realizando novas gravações.

Esse tipo de análise apresenta como maior contratempo a dificuldade em retornar à comunidade de fala para encontrar os mesmos informantes e assim realizar os mesmos estudos; o lapso temporal entre as amostras pode comprometer diretamente o êxito do processo. Caberá, dessa forma, ao pesquisador desenvolver estratégias para contornar os obstáculos que a pesquisa em tempo real proporciona.

Dessa forma, observa-se que a união entre um estudo em tempo aparente e um estudo em tempo real proporciona não apenas um retrato do estado de um sistema linguístico em determinado recorte temporal, mas também a percepção das mudanças ocorridas na língua em análise, assim como os processos de variação estável existentes.

Diante do exposto, vale ressaltar que este estudo se caracteriza como uma análise em tempo aparente, uma vez que o *corpus* desta pesquisa é formado por entrevistas realizadas ao longo dos anos 1990 pelo Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT.

Levando-se em consideração que a natureza variável da língua é o pressuposto no qual se fundamenta toda a análise sociolinguística e que essa característica apresenta sistematicidade e é passível de observação e análise, salienta-se que é no vernáculo que o pesquisador encontrará o material necessário para realizar sua análise. Conforme esclarece Tarallo (1986), a língua falada é o vernáculo, referindo-se a ela como a forma em que a língua se manifesta com maior grau de naturalidade ou com menor grau de atenção dada pelo falante.

Como salienta Mollica (2015), a Sociolinguística Laboviana possui uma abordagem metodológica própria, de base quantitativa, ficando, por este motivo,

também conhecida como Sociolinguística Quantitativa. A partir dos métodos de investigação criados por Labov, ou seja, com a metodologia variacionista, o pesquisador deverá selecionar a comunidade de fala na qual realizará sua pesquisa, o fenômeno a ser estudado, as variáveis consideradas, as hipóteses a serem testadas e o meio de obtenção dos dados de fala, que poderá ser mediante a utilização de amostras de fala disponíveis em bancos de dados de fala já estruturados ou através da realização de entrevistas.

Neste contexto, surge o que Labov (2008, p. 244) denominou de *paradoxo do observador*. “[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática.”. Diante do obstáculo, Labov afirma que cabe ao pesquisador aplicar estratégias que contornem o constrangimento causado pela situação de entrevista, o qual exerce influência sobre o grau de atenção dada à fala pelo informante. A realização de pausas, intervalos, perguntas sobre questões que exijam forte envolvimento emocional, como questionar se o falante já passou por alguma situação em que ele achou que morreria, são exemplos de técnicas que podem ser utilizadas para amenizar o efeito da situação, auxiliando na emersão do vernáculo.

Com as amostras de fala coletadas, o fenômeno sobre o qual se debruçará definido e as variáveis e as variantes selecionadas, o pesquisador deverá realizar o levantamento das realizações do fenômeno em análise, sua codificação e, em seguida, submeter esses dados codificados a um programa estatístico. Após submeter os dados ao programa, o qual fornecerá resultados numéricos, caberá ao linguista realizar a interpretação desses dados, a partir de uma análise crítica embasada pela Teoria.

Como ressalta Naro (2015, p. 25):

A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas. As suas limitações são as do próprio linguista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua.

Em concordância, Monteiro (2000) também ressalta a relevância do papel do pesquisador durante todo o processo de análise:

Se o pesquisador for feliz na formulação de sua hipótese, definir com precisão a variável dependente, inventariar bem suas variantes e, sobretudo, intuir quais os grupos de fatores de ordem estrutural ou social capazes de influir na aplicação da regra variável, então não lhe será tão difícil interpretar os resultados da análise processada. E, se sua interpretação for consistente, já que a língua é um sistema cujas partes se solidarizam, dará margem a reflexões sobre a própria configuração desse sistema. (MONTEIRO, 2000, p. 101).

Como é possível perceber nas palavras de Naro (2015) e Monteiro (2000), o método desenvolvido por Labov é eficiente e seguro no que se refere à análise linguística, conferindo ao pesquisador a responsabilidade de realizar todo o passo a passo necessário com cautela e atenção, para que os resultados sejam considerados confiáveis.

Diante do exposto, viu-se que o modelo teórico-metodológico proposto por Labov oferece ferramentas que conduzem uma investigação acerca dos processos de variação e mudança na língua, fornecendo respostas para os questionamentos levantados acerca de diversos fenômenos linguísticos e, assim, auxiliando na compreensão do funcionamento da estrutura gramatical de uma comunidade de fala.

Os conceitos e pressupostos apresentados e discutidos ao longo desse capítulo serviram de embasamento para o desenvolvimento deste estudo, o qual se propôs a analisar a variação das negativas sentencias na fala culta de Fortaleza. O próximo capítulo versará, de forma mais detalhada, sobre a metodologia aplicada.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O processo metodológico de uma pesquisa é uma etapa muito importante para um projeto, uma vez que através dele o pesquisador esclarece as estratégias utilizadas para alcançar os objetivos traçados. Em uma pesquisa sociolinguística de cunho variacionista, bem como nas demais áreas de pesquisa, esse processo tem de estar alinhado à teoria utilizada para que haja uma relação de conformidade entre os resultados obtidos e a base teórica elegida. Como esclarece Santos (2009, p. 68), “a metodologia é um conjunto de regras que facilita a condução da pesquisa a fim de que os resultados alcançados sejam coerentes aos pressupostos teóricos”.

Como já mencionado ao longo desta redação, neste estudo analisamos a variação das negativas sentenciais na fala culta de Fortaleza, capital cearense. Para isso, utilizamos as entrevistas disponibilizadas pelo banco de dados do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (Porcufort) - Fase I.

Nos tópicos subsequentes, são apresentados o banco de dados que serviu de base para a composição do *corpus* desta pesquisa (Porcufort – Fase I), um panorama sobre a cidade de Fortaleza, cidade na qual a pesquisa se realizou, atualmente e na época em que o projeto foi concretizado, e, na última subseção, a descrição da constituição do referido *corpus*.

4.1 O BANCO DE DADOS PROJETO DESCRIÇÃO PORTUGUÊS ORAL CULTO DE FORTALEZA (PORCUFORT) - FASE I

O Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) é um projeto que foi idealizado e coordenado pelo Prof. Dr. José Lemos Monteiro – UECE e tinha como intuito constituir um banco de dados que contemplasse a variedade urbana culta utilizada pelos moradores da capital cearense. Composto em duas fases, realizadas no início da década de 1990 (Fase I) e no final da década de 2010 (Fase II), o projeto seguiu as técnicas e métodos de coleta de dados de fala concebidos pelo Projeto Norma Linguística Urbana Culta do Brasil – NURC (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018). Nesta análise, utilizamos dados de fala extraídas da Fase I do Projeto.

Atuando como o único bando de dados de fala culta da cidade de Fortaleza até os dias atuais, o Porcufort – Fase I é composto por 73 informantes, os quais estão estratificados “por sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I - 22 a 35 anos, faixa II - 36 a 55 anos e faixa III - a partir dos 56 anos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID, Diálogo entre dois Documentadores: D2 e Elocução Formal: EF)” (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018, p. 181). O quadro abaixo ilustra a estratificação supracitada.

Quadro 2 - Estratificação dos informantes do PORCUFORT

Faixa etária	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	Tipo de registro					
	DID	D2	EF	DID	D2	EF
I (22 – 35)	6	4	3	4	8	4
II (36 – 55)	6	4	5	5	4	3
III (56 em diante)	6	3	2	3	3	0
Total	18	12	10	12	14	7

Fonte: Araújo, Viana e Pereira (2018)

No que se refere à atuação profissional dos informantes, é possível encontrar profissões variadas, uma vez que entre os entrevistados existem médicos, advogados, professores, engenheiros, terapeutas, aposentados, funcionários públicos, arquitetos, jornalistas, dentistas, psicólogos, entre outras profissões. No entanto, faz-se necessário ressaltar a dificuldade enfrentada pelos documentadores em encontrar, na capital cearense, pessoas que possuíssem alguma graduação, tendo em vista que dos 73 entrevistados, 34 (46,5%) são professores.

Os informantes estão divididos em três tipos de registros diferentes, como já mencionado, sendo 31 Diálogos entre Informante e Documentador – DID, ou seja, neste tipo de registro o documentador busca temas que deixem o informante confortável em falar, recorrendo, para isso, à utilização de narrativas pessoais; 14 Diálogos entre Dois Informantes, D2, isto é, um tipo de registro em que dois informantes que possuem certo grau de intimidades conversam entre si sobre diversos assuntos, com a mínima interferência do documentador; e 19 Elocuções Formais –

EF, ou seja, gravações de aulas, palestras, exposições, conferências e demais modalidades em que o informante os informantes precisam manter o máximo de monitoramento da própria fala.

Além disso, apresentam as seguintes características:

- nascidos em Fortaleza – CE;
- filhos de pais também nascidos em Fortaleza – CE;
- residentes à capital cearense;
- possuem nível superior completo;
- não moraram fora de Fortaleza e, se viajaram para fora da capital, foi por um curto período.

De acordo com Araújo, Viana e Pereira (2018), o objetivo inicial do coordenador do projeto era alojar cinco informantes por célula, como orienta Labov ([1972] 2008, p. 238-239), no entanto, devido à dificuldade de encontrar, aquele período, pessoas que se encaixassem no perfil estabelecido para a constituição do *corpus*, o projeto foi finalizado com apenas 73 informantes. Dessa forma, como ressalta a autora,

há uma célula com 0 (nenhum) informante (sexo feminino, EF, faixa etária III) e mais uma célula com apenas 02 informantes (sexo masculino, EF, faixa etária III), onde as demais células contêm no mínimo 03 informantes e no máximo 08 informantes, como podemos visualizar no Quadro 1. O motivo de estes perfis estarem incompletos se dá em decorrência do reduzido número de pessoas com nível superior ainda em atuação com mais de 56 anos de idade, nativos de Fortaleza-CE e que nunca teriam saído da cidade por tempo superior a dois anos. (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018, p. 185-186).

Antes de iniciar a entrevista, os documentadores eram orientados a preencher uma ficha com as informações dos informantes, a fim de verificar se o participante de fato possuía o perfil definido para a realização do projeto. Assim, era possível facilitar o trabalho do documentador ao realizar as entrevistas.

Com as entrevistas finalizadas, o passo seguinte a ser seguido eram as transcrições dessas entrevistas, as quais foram feitas por três bolsistas de iniciação científica capacitadas para a realização dessa atividade. Para isso, o Projeto adotou as mesmas normas utilizadas pelo Projeto Nurc, as quais foram concebidas por Castilho e Pretti (1986) e estão dispostas no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Normas do NURC para transcrição de entrevistas gravadas adotado pelo PORCUFORT

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nive's de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	"entre aspas"	Pedro Lima... ah escreve na ocasião. "O cinema falado em língua estrangeira não precisa

		de nenhuma baRREIra entre nós”...
<p>Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USPetc) Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?) Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. Números por extenso. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) Não se anota o cadenciamento da frase. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula,ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</p>		

Fonte: Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 186-187)

4.2 A CAPITAL CEARENSE

Fortaleza, a capital do estado do Ceará, é um município localizado no litoral atlântico, repleto de belas praias e é a cidade mais populosa do Ceará, além de ser a quinta em população no Brasil (IBGE, 2020). Possui mais de 120 bairros, divididos em 12 Secretarias Executivas Regionais (SER) e, assim como muitas cidades em todo o país, tem bairros com diversos níveis sociais, desde aqueles que são supervalorizados economicamente àqueles que formam “ilhas de pobreza”, como afirmam Araújo e Carleial (2003). A figura 1, a seguir, apresenta a atual distribuição nas 12 regiões administrativas.

Dentre as medidas tomadas, a mais polêmica e a que mais desagradou os brasileiros foi o confisco das poupanças com valores superiores a cinquenta mil cruzeiros por um período de 18 meses, com o objetivo de diminuir a moeda em circulação, fazendo com que a população comprasse menos, a demanda diminuísse e o poder de compra se preservasse (ROMÃO, 2003). A medida não funcionou e a inflação continuou subindo, o que deixou a população extremamente insatisfeita. Com os escândalos de corrupção que culminaram em seu impeachment em 1992, Itamar Franco, seu vice, assumiu o cargo de presidente do país.

Buscando recuperar a confiança dos brasileiros bem como a economia do país, Itamar, com o auxílio de um grupo de economistas, o qual foi liderado por Fernando Henrique Cardoso (FHC), implantou o Plano Real, que obteve sucesso e fez com que FHC sucedesse a Itamar Franco na presidência nas eleições de 1994 (MOTTA, 2018).

A instabilidade nacional teve reflexos em todos os estados do país, inclusive no Ceará. O estado estava sob a liderança de Ciro Gomes (1990 - 1994), em cujo governo foi desenvolvido o Plano Sanear em Fortaleza, projeto que objetivava ampliar a rede de esgotos da cidade.

Na prefeitura, Juracy Magalhães (1990 - 1993) realizava diversas ações voltadas para grandes obras estruturais. Dentre as ações realizadas pelo então prefeito, estão o Aterro da Praia de Iracema, a reforma na Praça do Ferreira, a urbanização da Praia do Futuro, a criação do sistema integrado de ônibus, asfaltamento, abertura e alargamento de vias, a construção da ponte sobre o Rio Ceará e o novo Mercado Central (BRUNO; FARIAS, 2012).

Outra ação importante desenvolvida durante a gestão de Juracy Magalhães foi a aprovação do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), projeto que apresentava normas para a ocupação e expansão da área urbana. Assim, a capital passou a ser dividida em três classificações: macrozonas (urbanizada, adensada e de transição), microzonas e zonas especiais, além da instituição do bairro como unidade de referência principal para o planejamento urbano (FARIAS, 2012).

No que se refere ao ensino superior, havia um processo de sucateamento das universidades públicas, resultante dos ajustes fiscais e da redução de investimento na educação pública de nível superior ocorrido nas décadas anteriores, ao passo que havia um crescimento acelerado do ensino médio (BRASIL, 2004/2006). Esse

crescimento causou forte pressão no acesso ao ensino superior, o que acabou acarretando um crescimento desordenado da rede privada de ensino superior.

Somado a isso, outra característica da educação no país era o alto índice de jovens em idade universitária cursando o ensino básico, fosse no ensino fundamental ou ensino médio, fator que se refletia na demanda do acesso ao ensino superior, uma vez que o público desse nível ainda não possuía os requisitos necessários para iniciar uma graduação (ALMEIDA, 2017).

Esse cenário se manteve até o início de 1994, quando a expansão do ensino médio acelerou o aumento de matrículas do ensino superior, além da pressão exercida pela busca por matrícula em cursos de graduação por jovens adultos que já estavam inseridos no mercado de trabalho, mas buscavam aumentar suas chances de ascender socialmente através da obtenção de um diploma de nível superior (MARTINS, 2000).

No estado do Ceará, o acesso ao ensino superior apresentava grandes obstáculos, como a alta concorrência nas instituições públicas e a dificuldade em formar turmas nas instituições privadas (MARTINS, 2000). No ano de 2002, a matrícula nesta etapa educacional no estado do Ceará correspondia a apenas 3,1%. Em 2012, esse índice cresceu para 22,4% (BITTENCOURT *et al.*, 2014).

A breve contextualização do cenário político e educacional no qual estavam inseridos os participantes que constituem o banco de dados de fala do projeto PorcuFort nos permite compreender a relevância da existência desse banco de dados. Na próxima seção, apresentamos a constituição do corpus da pesquisa bem como as variáveis controladas.

4.3 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

A partir de um recorte no quadro geral do banco de dados PORCUFORT - Fase I, foram selecionados 18 informantes provenientes dos inquéritos do tipo D2 - Diálogo entre Dois Informantes, estratificados socialmente, segundo sexo (masculino e feminino) e *faixa etária* (I: 22 a 35 anos; II: 36 a 55 anos; III: a partir de 56 anos).

A escolha pelo tipo de inquérito D2 ocorreu devido ao fato de ser este tipo de inquérito o menos formal de todos, o que possibilita ao pesquisador encontrar dados mais espontâneos. Além disso, os informantes que participam da interlocução

possuem alto grau de intimidade, fator que contribui ainda mais para um maior nível de espontaneidade na fala. Por fim, cabe ressaltar que, neste tipo de inquérito, o grau de monitoramento do falante é menor. De acordo com Araújo, Viana e Pereira (2018), os assuntos escolhidos pelos interlocutores, em geral, tratavam-se de fatos do cotidiano.

Nesse sentido, a amostra foi estratificada de acordo com o Quadro 4 abaixo.

Quadro 4 - Distribuição dos informantes de acordo com os fatores sociais controlados no PORCUFORT

SEXO	FAIXA ETÁRIA		
	FAIXA I (22 – 35 anos)	FAIXA II (36 – 55 anos)	FAIXA III (56 em diante)
MASCULINO	3	3	3
FEMININO	3	3	3
TOTAL	6	6	6
TOTAL DE INFORMANTES	18		

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Como variável dependente, temos a variação das sentenças negativas. Nesse sentido, contamos com três variantes: *negativas pré-verbais*, *negativas duplas* e *negativas pós-verbais*, a fim de aferir quais fatores linguísticos e/ou sociais atuam sobre cada uma das variantes controladas.

Ao todo, controlaram-se oito variáveis independentes, entre as quais seis são de natureza linguística e duas de natureza social. As variáveis linguísticas testadas foram: *tipo de oração* (absoluta, coordenada e subordinada), *estrutura do verbo* (simples e perífrase verbal), *tempo verbal* (presente, passado e futuro), *tipo de sujeito* (explícito, implícito e inexistente), *tipo de frase* (resposta, pergunta e apresenta-se no encadeamento do discurso) e *presença/ausência de outros termos negativos* - *nada*, *ninguém*, *nenhum*, *nem*, *nunca*, *nem nada* - (ausência e presença). Quanto às variáveis sociais, analisamos *sexo* (homem e mulher) e *faixa etária* (22 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais).

No que diz respeito à análise estatística, utilizou-se o programa computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Amplamente utilizado pelas pesquisas sociolinguísticas, o GoldVarb X “permite investigar situações em que a

variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis dependentes [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p.105). Além disso, o programa apresenta os valores em pesos relativos e níveis de significância em relação à aplicação da regra.

A coleta de dados foi realizada a partir da audição, na íntegra, dos inquéritos selecionados, tendo em vista a garantia de maior fidelidade possível entre o áudio e os dados coletados. Após a coleta, os dados foram agrupados em um documento do *Word* e, em seguida, foram codificados. Atribuiu-se a cada variante da variável dependente e independente um código que poderia ser número, símbolo ou letra para evitar a repetição desse código no mesmo grupo de fatores. Posteriormente, os dados foram submetidos ao Goldvarb X.

Os resultados obtidos para as negativas sentenciais são apresentados na Seção 5 deste estudo, considerada uma análise em tempo aparente (PAIVA, 2016), assim como os detalhes de cada rodada realizada no Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados os quais foram obtidos ao longo da análise, bem como as discussões associadas a eles.

5.1 PRIMEIRA RODADA: DADOS GERAIS

A primeira rodada de análise realizada levou em consideração as três variantes controladas nessa pesquisa: negativa pré-verbal, negativa dupla e negativa pós-verbal. Essa primeira rodada teve como objetivo identificar as porcentagens de realização de cada uma das variantes, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Porcentagens de realização das três variantes controladas

TIPO DE NEGATIVA	Nº DE DADOS	PORCENTAGEM
Negativa pré-verbal	352	80,2%
Negativa dupla	27	6,2%
Negativa pós-verbal	60	13,7%
TOTAL	439	100%

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

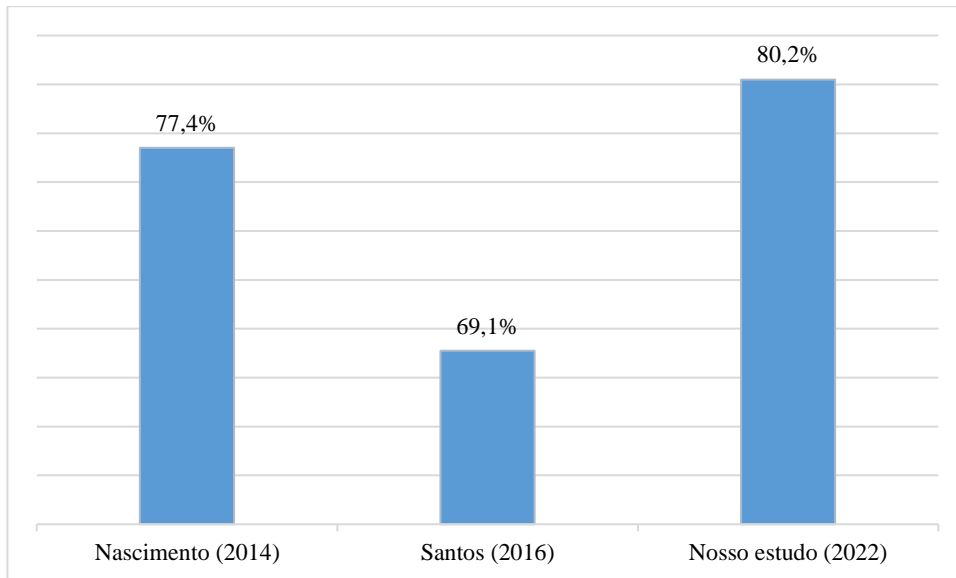
Como mostra a Tabela 1, obteve-se um total de 439²⁷ ocorrências, das quais 80,2% (352) são de realizações da negativa pré-verbal, 13,7% (60) são negativas pós-verbais e apenas 6,2% são de negativas duplas (27).

Como é possível perceber por meio da análise dos resultados obtidos, as negativas pré-verbais apresentam um índice de ocorrências bem maior que as demais variantes, indicando que a variante conservadora se mantém na fala culta de Fortaleza, resultado que se assemelha com os demais estudos já realizados acerca do fenômeno em análise nesta pesquisa. Para melhor visualizar os resultados da

²⁷ É importante ressaltar, neste contexto, que o baixo quantitativo de ocorrências pode ser explicado por dois fatores: em primeiro lugar, o fenômeno em análise é um fenômeno do nível da sintaxe, o qual requer grande número de informantes para aumentar a probabilidade de ocorrências. Em segundo lugar, foram descartadas na coleta as ocorrências em que a negativa dupla era realizada com a variante fonológica “num”, o que fez que o número de ocorrências tivesse uma grande queda.

frequência de uso da variante pré-verbal, apresentamos um gráfico comparativo (Gráfico 1) com outros dois estudos já realizados sobre o fenômeno, um também realizado na capital cearense, o de Santos (2016) e um realizado na região sudeste do país, o de Nascimento (2014).

Gráfico 1 - Comparativo de frequência de uso das negativas pré-verbais

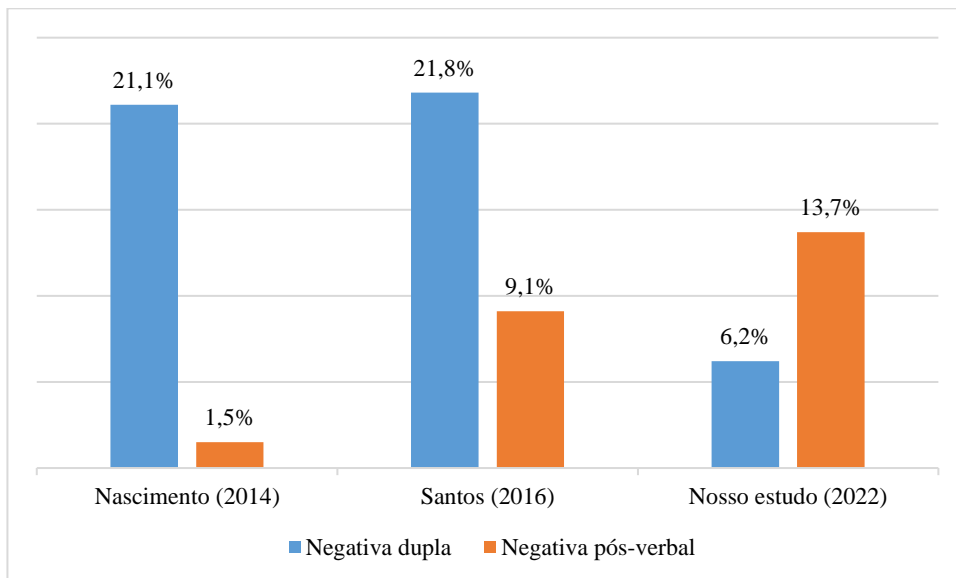


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O Gráfico 1, apresentado acima, mostra-nos resultados que corroboram aqueles obtidos em nosso estudo. Como é possível observar, as negativas pré-verbais apresentam alto índice de realização nos três estudos comparados, demonstrando que essa variante se mantém estável na fala informal de informantes de diversas regiões do país.

Em relação às variantes inovadoras, a pré-verbal e a negação dupla, nosso estudo apresenta resultados que se diferem daqueles obtidos em outros estudos. O Gráfico 2 demonstra esses resultados de maneira mais clara.

Gráfico 2 - Comparativo de frequência das negativas inovadoras

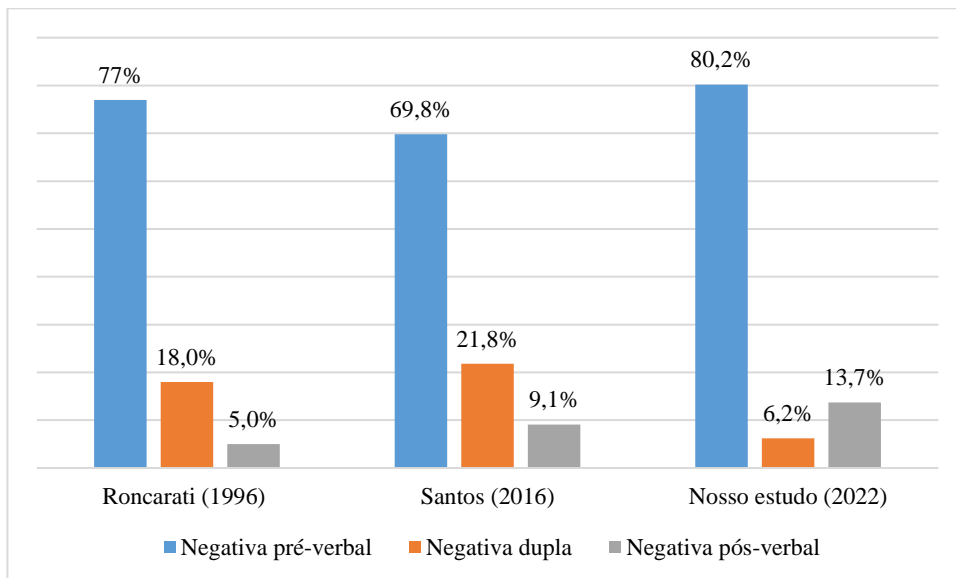


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Como é possível perceber, diferentemente de outros estudos já apresentados, nossos dados revelaram que, na fala culta fortalezense, as negativas pós-verbais têm maior frequência de realização que as negativas duplas. Enquanto em Nascimento (2014) as negativas duplas apresentam 21,1% e as negativas pós-verbais apresentam 1,5% e, em Santos (2016), as negativas duplas apresentam 21,8% de realização e as negativas pós-verbais apresentam 9,1%, sendo a negativa dupla a variante que aparece em segundo lugar e pós-verbal em terceiro, em nosso estudo acontece o contrário: a variante pós-verbal aparece em segundo lugar de realizações, com uma porcentagem de 13,7% e a variante negativa dupla aparece em último lugar, com apenas 6,2%.

Ao comparar os resultados obtidos com estudos realizados apenas na capital cearense, os dados mantêm a diferença de realização da variante inovadora Neg 3. O Gráfico 3 ilustra essas diferenças.

Gráfico 3 - Comparativo dos índices das variantes em estudos realizados na capital cearense



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Os resultados expostos no Gráfico 3 mostram que, ao afunilarmos a comunidade de fala para aqueles que utilizam a fala culta em Fortaleza, a variante pós-verbal ganha destaque, apresentando maior índice de realização que a variante inovadora negativa dupla.

Conforme já esclarecido ao longo deste trabalho, o fenômeno em análise é um fenômeno ternário, ou seja, um fenômeno que possui três variantes. Como o programa estatístico utilizado em nossa análise permite que sejam realizadas análises apenas binárias, foi necessário realizar três rodadas de análise diferentes, além da primeira rodada, a qual apresentou as porcentagens de realização de cada variante de forma geral, as quais serão apresentadas nas seções a seguir.

5.2 SEGUNDA RODADA: NEGATIVAS DUPLAS *VERSUS* NEGATIVAS PRÉ-VERBAIS

Nesta rodada, o Goldvarb X identificou um total de 379 ocorrências. Deste total, 92,9% se referem a negativas pré-verbais. O programa não apresentou nocaute ou *singleton groups* e selecionou o step up #10 como melhor análise. Este step up apresentou *Input* 0.054, *Log likelihood* = -89.353 e Significância = 0.025. Como fatores

relevantes, foram selecionados *Tipo de sujeito e Tipo de oração*, nesta ordem. As subseções a seguir apresentam de maneira mais detalhada os resultados alcançados.

5.2.1 Atuação da variável *tipo de sujeito* sobre a negativa dupla

A variável tipo de sujeito foi o primeiro grupo de fatores apontado pelo Programa Goldvarb X como relevante para a realização da negativa dupla quando esta variante, considerada inovadora, está em concorrência com a variante conservadora, ou seja, a pré-verbal.

Tabela 2 - Atuação da variável *tipo de sujeito* sobre a negativa dupla

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Suj. Inexistente	8/70	11,4%	0.655
Suj. Implícito	6/ 183	3,3%	0.646
Suj. Explícito	13/126	10,3%	0.341

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Conforme é possível identificar na Tabela 2, o sujeito inexistente foi apontado pelo programa como aquele que favorece a realização da negativa dupla, tendo em vista que obteve peso relativo de 0.655 na rodada realizada. Além dele, o sujeito implícito também atua como fator de favorecimento, tendo em vista que obteve um peso relativo de 0.646. O sujeito explícito, por sua vez, mostra-se como contexto de inibição da variante, uma vez que seu peso relativo foi de 0.341.

Esse resultado, no entanto, vai de encontro ao resultado obtido por Santos (2016), tendo em vista que naquele estudo o grupo de fatores tipo de sujeito não foi selecionado como fator relevante para a realização da variante Neg 2, quando ela está concorrendo com a variante conservadora.

O mesmo ocorre em Nascimento (2014), cujos resultados demonstraram que a variável em questão não foi selecionada pelo Programa Goldvarb X como um grupo de fator relevante. No entanto, a autora ressalta que, apesar desse resultado, as porcentagens obtidas indicam leve favorecimento da realização das variantes não canônicas quando o sujeito não é marcado sintaticamente (inexistente ou implícito),

enquanto a variante conservadora tem indícios de favorecimento quando o sujeito é marcado sintaticamente (sujeito explícito).

Em Alkmim (2001), por sua vez, os resultados apontam que a variante negativa dupla tem maior favorecimento quando as construções apresentam retenção de sujeito, tendo em vista que o peso relativo para este fator é 0.55, enquanto apresenta 0.47 de peso relativo para a supressão do sujeito.

Nesse contexto, podemos afirmar que os sujeitos não marcados sintaticamente, sejam eles inexistentes ou implícitos, atuam como contextos de favorecimento de realização da negativa dupla na fala culta de Fortaleza, enquanto a marcação do sujeito atua como contexto de inibição.

Por apresentarem poucas ocorrências, listamos abaixo alguns dos dados em que a negativa dupla aparece com sujeito não marcado (implícito ou inexistente).

- (01) não existe não (Inq. 07)
- (02) não era melhor tu dar/ QUATro manhãs e duas tarde não?
- (03) o que merece não recebe mesmo não (Inq. 07)
- (04) n/era o que É não... (Inq. 34)
- (05) n/é nem de dirigente essas coisa não... (Inq. 34)
- (06) né um vigilante não (Inq. 11)

Neste contexto, os resultados alcançados atestam nossa hipótese inicial, ou seja, o fator tipo de sujeito atua como uma variável favorecedora da realização da variante inovadora, neste caso, a negativa dupla.

5.2.2 Atuação da variável *tipo de oração* sobre a negativa dupla

O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa foi a variável tipo de oração. Essa variável apresenta como fatores as orações absolutas, orações coordenadas e orações subordinadas. A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 3 - Atuação da variável *tipo de oração* sobre a negativa dupla

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Absoluta	17/145	11,7%	0.667
Coordenada	8/169	4,7%	0.415
Subordinada	2/65	3,1%	0.342

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Conforme é possível identificar na Tabela 3, a oração do tipo absoluta foi apontada pelo programa como aquela que favorece a realização da negativa dupla quando esta concorre com as negativas pré-verbais, tendo em vista que obteve peso relativo de 0.667 na rodada realizada. As orações do tipo coordenada e subordinada, por sua vez, mostraram-se como contextos de inibição da variante, uma vez que seus pesos relativos foram de 0.415 e 0.342, respectivamente.

Quanto a esse fator, os resultados alcançados vão ao encontro dos resultados alcançados pelos estudos realizados por Alkmim (2001), Soares (2009), Souza e Lucchesi (2004), Santana e Nascimento (2011), Nascimento (2014) e Santos (2016), tendo em vista que estes estudos também constataram haver favorecimento da realização da negativa dupla nas orações absolutas, dessa forma, confirmando nossa hipótese inicial.

Listadas abaixo, estão exemplos das ocorrências em que a negativa dupla aparece em contexto de oração coordenada ou subordinada:

(07) isso é geral não é só na sua matéria não... (Inq. 16)

(08) todo professor ganha pouco e:: basquetebol n/é diferente das outra modalidade não (Inq. 34)

(09) nós ficamo/ lá na AAB n/é AAB não... (Inq. 34)

(10) "nã::/ é o seguinte... tia Vera né braba não (Inq. 16)

(11) [sabe] que infelizmente n/é ser mercenário não porque:: (Inq. 34)

5.3 TERCEIRA RODADA: NEGATIVAS PÓS-VERBAIS *VERSUS* NEGATIVAS PRÉ-VERBAIS

Nesta rodada, o Goldvarb X identificou um total de 412 ocorrências, sendo 85,4% (352) de negativas pré-verbais e 24,6% (62) de negativas pós-verbais. O *step up* selecionado como melhor análise para esta rodada foi o *step up* #19, com *input* de 0.109, *Log likelihood* de -145.743 e Significância de 0.003. Os grupos de fatores selecionados como mais relevantes para a aplicação foram, nesta ordem, *Presença ou Ausência de palavra negativa*, *Tipo de oração* e *Tipo de sujeito*. As subseções abaixo analisam de maneira mais detalhada os resultados alcançados.

5.3.1 Atuação da variável *Presença ou Ausência de palavra negativa sobre a negativa pós-verbal*

O primeiro grupo de fatores apresentado pelo Goldvarb X como fatores condicionadores foi a variável presença ou ausência de palavra negativa. De acordo com a análise realizada, o fator presença de palavra negativa é um contexto de favorecimento da realização da variante pós-verbal, uma vez que o peso relativo desse fator é de 0.921. O contexto ausência de palavra negativa, por sua vez, foi indicado como contexto de inibição da referida variante, apresentando peso relativo de 0.455, como é possível constatar na Tabela 3, a seguir.

Tabela 4 - Atuação da variável *Presença ou Ausência de palavra negativa sobre a negativa pós-verbal*

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença	14/28	50%	0.921
Ausência	46/384	12%	0.455

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

O grupo de fatores *Presença ou Ausência de palavra negativa* foi controlado no estudo de Rocha (2013), cujos resultados constataram que o fator ausência de outra palavra negativa na sentença atua como contexto de favorecimento das negativas duplas.

Dessa forma, nossos resultados se distanciam daqueles obtidos pela literatura já discutida, tendo em vista que não encontramos outros estudos que apontassem o contexto de presença de palavra negativa como um ambiente de favorecimento das negativas pós-verbais, levando-nos a refutar nossa hipótese inicial.

5.3.2 Atuação da variável *tipo de oração* sobre a negativa pós-verbal

A variável tipo de oração foi o segundo grupo de fatores apontado pelo Programa Goldvarb X como relevante para a realização da negativa pós-verbal quando esta variante, considerada inovadora, está diante da variante conservadora, ou seja, a pré-verbal. Na Tabela 5, podemos visualizar melhor esses resultados.

Tabela 5 - Atuação da variável *tipo de oração* sobre a negativa pós-verbal

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Absoluta	37/165	22,4%	0.671
Subordinada	8/71	11,3%	0.494
Coordenada	15/176	8,5%	0.341

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Conforme é possível identificar na Tabela 5, a oração do tipo absoluta foi apontada pelo programa como aquela que favorece a realização da negativa pós-verbal, tendo em vista que obteve peso relativo de 0.671 na rodada realizada. As orações do tipo subordinada e coordenada, por sua vez, mostraram-se como contextos de inibição da variante, uma vez que seus pesos relativos foram de 0.495 e 0.341, respectivamente.

As ocorrências em que a negativa pós-verbal aparece em orações subordinadas estão listadas a seguir:

- (12) (comprovar) que ninguém sabe não (Inq. 11)
- (13) "ele disse "tem nada não" (Inq. 39)
- (14) sei que que eu faço não mais não (Inq. 16)
- (15) cê sabe? né?... que eu torço Vasco não agora... (Inq. 34)

(16) e com/é que o senhor conheceu... todas essas pessoas que trabalham... trabalham não que vêm aqui cantar (Inq. 48)

Nos estudos analisados, a variável tipo de oração foi considerada uma das mais relevantes para o fenômeno em análise. No entanto, de modo diferente do que o acontece nessa análise, os estudos²⁸ associaram a o fator oração absoluta como contexto de favorecimento das negativas duplas, enquanto as orações subordinadas e coordenadas funcionam como favorecedoras das negativas pós-verbais e pré-verbais.

Tendo em vista que nossa análise mostrou que as orações absolutas favorecem a realização das negativas pós-verbais na fala culta fortalezense, podemos concluir que nossa hipótese inicial, a de que as orações absolutas favoreceriam as negativas duplas, enquanto as negativas pós-verbais seriam favorecidas pelas orações coordenadas, foi refutada.

5.3.3 Atuação da variável *Tipo de sujeito sobre a negativa pós-verbal*

O terceiro grupo de fatores apontado como relevante para a realização da variante pós-verbal quando esta aparece em concorrência com as negativas pré-verbais foi o tipo de sujeito, sendo o sujeito implícito (0.673) o fator que atua como favorecedor da variante e os tipos de sujeito inexistente (0.480) e explícito (0.380) aqueles que atuam como contexto linguístico de desfavorecimento da variante.

Tabela 6 - Atuação da variável *Tipo de sujeito sobre a negativa pós-verbal*

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Suj. Implícito	29/142	20,4%	0.673
Suj. Inexistente	10/72	13,9%	0.480
Suj. Explícito	21/198	10,6%	0.380

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

²⁸ Souza e Lucchesi (2004), Soares (2009), Alkmim (2001), Santana e Nascimento (2011), Goldnadel *et al.* (2013), Nascimento (2014) e Santos (2016).

Como já mencionado, por apresentarem poucos dados, exemplos das ocorrências das negativas pós-verbais com sujeitos inexistentes serão listadas abaixo:

- (17) tem muita gente não (Inq. 07)
- (18) tem muita gente não? (Inq. 07)
- (19) é não (Inq. 07)
- (20) é não você não {produz (Inq. 07)
- (21) é há não (Inq. 07)

Os resultados ilustrados na tabela 6 são corroborados, em parte, por estudos como o de Alkmim (2001) e Santos (2016). Nestes estudos, o grupo de fatores tipo sujeito foi selecionado como relevante para a realização da variante pós-verbal. Em Alkmim (2001), a supressão do sujeito atuou como favorecedora da realização da variante com peso relativo de 0.70. Em Santos (2016), situação similar ocorre, tendo em vista que os fatores sujeito inexistente (0.71) e sujeito implícito (0.59) favorecem a realização da negativa pós-verbal.

Nesse sentido, nossa hipótese foi parcialmente confirmada, uma vez que apenas um dos fatores atuou como favorecedor na negativa pós-verbal, neste caso, o sujeito implícito.

5.4 QUARTA RODADA: NEGATIVAS PÓS-VERBAIS *VERSUS* NEGATIVAS DUPLAS

Nesta rodada, o Goldvarb X identificou um total de 87 ocorrências, sendo 69% (60) de negativas pós-verbais e 31% (27) de negativas duplas. A análise apontou como *step up* selecionado para melhor análise o *step up* #14, com *input* de 0.738, *Log likelihood* de -47.340 e Significância de 0.036. Os grupos de fatores selecionados como relevantes nesta análise foram *Presença ou Ausência de palavra negativa e Tipo de frase*. Estes resultados serão melhor apresentados nas subseções seguintes.

5.4.1 Atuação da variável *Presença ou Ausência de palavra negativa* sobre a negativa pós-verbal *versus* a negativa dupla

O primeiro grupo de fatores apontado como relevante para a realização variante pós-verbal quando esta aparece em concorrência com as negativas duplas foi a variável presença ou Ausência de palavra negativa tipo de sujeito, sendo a presença (0.8523) o fator que atua como favorecedor da variante, enquanto o fator ausência atua como ambiente de inibição da variante, apresentando peso relativo de 0.410. Na tabela 7 é possível visualizar esses resultados de maneira mais detalhada.

Tabela 7 - Atuação da variável *Presença ou Ausência de palavra negativa sobre a negativa pós-verbal*

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença	14/15	93,3%	0.852
Ausência	46/72	63,9%	0.410

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Os estudos apresentados em nosso Capítulo 2 demonstraram que a variável presença ou ausência de palavra negativa foi um grupo de fatores controlado nos trabalhos de Rocha (2013) e Santos (2016).

Em Rocha (2013), os resultados demonstraram que a referida variável atua como contexto favorecedor das negativas duplas, distanciando os resultados alcançados nesta pesquisa daqueles obtidos por Rocha.

Já em Santos (2016), os resultados alcançados corroboram aqueles obtidos na presente pesquisa, uma vez que, assim como em nosso estudo, o fator presença de palavra negativa²⁹ atua de forma significativa como contexto de favorecimento da negativa pós-verbal (0.70), enquanto o fator ausência de palavra negativa atua como contexto de inibição da variante de aplicação (0.48).

Nesse sentido, nossos resultados confirmam nossa hipótese inicial, isto é, que o fator presença de outra palavra negativa seria favorecedor da realização da negativa pós-verbal.

5.4.2 Atuação da variável *Tipo de frase sobre a negativa pós-verbal versus a negativa dupla*

²⁹ No estudo de Santos (2016), essa variável recebeu o nome de “outros termos negativos”.

A segunda variável selecionada pelo programa Goldvarb X como relevante para a realização da variante pós-verbal foi o grupo de fatores tipo de frase. Conforme já mencionado, essa variável possui os seguintes fatores: perguntas, respostas e encadeamento do discurso. Na tabela 8, podemos observar os resultados alcançados de forma mais detalhada.

Tabela 8 - Atuação da variável *Tipo de frase* sobre a negativa pós-verbal versus a negativa dupla

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Respostas	10/11	90,9%	0.823
Perguntas	12/14	85,7%	0.686
Encadeamento do discurso	38/62	61,3%	0.389

Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Através da observação da tabela 8, é possível perceber existem dois fatores que atuam, de maneira significativa, como contexto de favorecimento da variante negativa pós-verbal quando esta concorre com a variante negativa dupla: o contexto de pergunta, com peso relativo de 0.823, e o contexto de respostas a perguntas, com peso relativo de 0.686. Em contrapartida, as frases que se configuravam como contexto de encadeamento de discurso foram apontadas pelo programa como contextos linguísticos de inibição da variante pós-verbal. Como poucos dados foram encontrados para o fator respostas, exemplos das ocorrências estão dispostas a seguir:

- (22) tem muita gente não (Inq. 07)
- (23) é há não (Inq. 07)
- (24) é não/ tá lá jogado e num serve pra ninguém (Inq. 45)
- (25) viu não (Inq. 39)
- (26) é não (Inq. 39)

Os resultados obtidos nesta análise são corroborados pelo estudo realizado por Santos (2016), cujos resultados também constataram que tanto o contexto de pergunta quanto o de respostas atuam como fatores favorecedores para a realização da negativa pós-verbal, enquanto o encadeamento do discurso atua como fator de inibição da variante.

Apresentadas as rodadas realizadas e as observações feitas a partir da análise feitas com os resultados obtidos, no próximo capítulo deste estudo apresentamos as considerações finais desta pesquisa, as quais retomarão as hipóteses apresentadas, através de sua confirmação ou refutação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar as negativas sentenciais na fala de culta de Fortaleza. Nesse sentido, escolhemos analisar a variação que ocorre entre as seguintes variantes:

- Negação pré-verbal (Neg + V):
“não vai ter nenhum dia à tarde”.
- Negação dupla (Neg + V + Neg):
“é... porque eu t/ /tava pensando não era melhor tu dar/ QUATro manhãs e duas tarde não?...”
- Negação pós-verbal (V + Neg):
“tem problema não.”

Assumindo uma perspectiva variacionista, nosso estudo coletou dados de fala de 18 informantes que compõem o banco de dados de fala do projeto Porcufort, submetendo os dados obtidos ao Programa estatístico GoldVarb X, muito popular nos estudos variacionista, após codificá-los de acordo com as variáveis linguísticas e sociais delimitadas. Assim, foram realizadas quatro rodadas de análise.

No início desse estudo, foram apresentadas as hipóteses elaboradas para o desenvolvimento da pesquisa. A fim de lembrarmos essas hipóteses, retomo-as nestas considerações finais:

- a) as variáveis linguísticas tipo de oração, tipo de sujeito e presença ou ausência de termo negativo atuam como contextos favorecedores para a realização das variantes inovadoras;
- b) as variáveis sociais sexo e faixa etária atuam como contextos favorecedores para a realização das variantes inovadoras;
- c) as variantes inovadoras estão ampliando seu contexto de realizando, indicando um quadro de mudança em progresso.

A partir de uma análise realizada em tempo aparente, isto é, uma análise realizada através de um recorte transversal de uma amostra sincrônica, por meio da qual um fenômeno em variação é investigado a partir da observação de sua distribuição gradativa em relação às faixas etárias da população, identificamos que os fatores linguísticos que favorecem a realização das variantes inovadoras foram Tipo

de sujeito, Tipo de oração, Presença ou Ausência de palavra negativa e Tipo de frase, sendo os fatores Tipo de sujeito e Tipo de oração aqueles que mais se repetem nas análises. Assim, podemos afirmar que nossa hipótese inicial se confirmou quase que totalmente, uma vez que não consideramos a variável tipo de frase e esta apareceu como grupo de fatores condicionadores das variantes inovadoras.

Em relação aos fatores condicionadores extralinguísticos, nossa hipótese era de que as variáveis sexo e faixa etária seriam relevantes para a realização das variantes inovadoras. No entanto, nossa análise demonstrou que nenhuma das variáveis sociais foi considerado estatisticamente relevante para o fenômeno, refutando completamente nossa hipótese.

Quanto a nossa hipótese de que haveria um estado de mudança em progresso no fenômeno em análise, vimos que nossa hipótese estava equivocada, uma vez que os resultados obtidos na primeira rodada da análise, a qual apresentou os índices de realização das variantes controladas, demonstrou que a variante canônica, a negativa pré-verbal, possui um alto índice de realização (80,2%), equiparando sua frequência de uso a de outras regiões do país.

No que diz respeito às variantes inovadoras, vimos que nosso estudo identificou que o uso da variante pós-verbal é maior que o da variante negativa dupla, as quais apresentaram porcentagens de uso de 13,7% e 6,2%, respectivamente, diferentemente daquilo que acreditávamos que aconteceria a partir dos estudos sobre o fenômeno já realizados em outras regiões do país, isto é, que a variante negativa dupla obteria maior frequência de uso do que a variante pós-verbal. Nesse contexto, faz-se importante ressaltar que, no momento da coleta, as ocorrências de dupla negação que apresentavam a variante fonológica “num” em posição pré-verbal não foram consideradas, fazendo com a quantidade de dados referentes à negação dupla fosse baixa.

Quanto às variáveis controladas nesta pesquisa, vimos que as que mais foram selecionadas pelo programa Goldvarb X como relevantes foram as variáveis tipo de sujeito e tipo de oração, aparecendo em duas das quatro rodadas de análise realizadas. Os grupos de fatores *estrutura do verbo*, *tempo verbal*, *faixa etária* e *sexo* não foram selecionados como relevantes em nenhuma das rodadas realizadas.

Este trabalho reafirma a importância do desenvolvimento de pesquisas nas comunidades de fala em todo o país e os muitos fenômenos linguísticos que podemos

encontrar nessas comunidades. Em nosso caso, nosso estudo demonstrou que as negativas sentenciais na fala culta fortalezense são condicionadas essencialmente por fatores internos ao sistema linguístico. Além disso, os resultados alcançados revelaram fatos não esperados por nós ao iniciarmos a pesquisa, como a não relevância dos fatores sociais para a realização das variantes inovadoras.

Consideramos que os objetivos traçados no início da pesquisa foram alcançados e que esta análise conseguiu contribuir com os estudos variacionistas sobre a língua portuguesa, adicionada a comunidade de fala culta de Fortaleza-CE no cenário nacional de pesquisas sociolinguísticas.

Ressaltamos ainda que esta pesquisa não buscou esgotar a temática, portanto outros estudos podem e devem se debruçar sobre o fenômeno da variação das negativas sentenciais a fim de ampliar e aprofundar as discussões por aqueles que sintam desejo de conhecer mais o fenômeno e a própria comunidade de fala, de maneira que seja possível compreender ainda mais o funcionamento da variação das estruturas de negação no PB.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. K. M. **As realizações das vogais /e/ e /o/ pretônicas no falar culto de Fortaleza-CE sob a perspectiva variacionista**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2022.
- ALKMIM, M. G. R. **As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista**. 2001. 260 f.- Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- ARAÚJO, F. J. N. **A variação te/lhe em cartas pessoais de cearenses no século XX**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
- ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. M.; PEREIRA, M. L. S. O Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Web-Revista SOCIODIALETO** – NUPESDD / LALIMU, Campo Grande (MS), v. 8, n. 24, p. 174-198, mar. 2018.
- ARAÚJO, A. M. M; CARLEIAL, A. N. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**. Universidad de Barcelona. v. VII, n. 146, p. 01-16, 2003. Disponível em: www.uece.br/lepop/.../26-opulencia-e-miseria-nos-bairros-de-fortaleza. Acesso em: 04 ago. 2021.
- AVELAR, L. L. M. R. N.; SILVA, M. R.; ALMEIDA, T. P. As formas de negação com o item não no português falado em Santa Luzia: um estudo preliminar. *In*: AMARAL, E. T. R. **O português falado em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. Cap. 02, p. 27-36.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Programa de expansão do sistema público federal de ensino superior**. 2004/2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/expifef_acs.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/fortaleza.html> Acesso em: 20 jun. 2022.
- BITTENCOURT, A.; OLIVEIRA, V. H.; CAVALCANTE, A. L.; MAGALHÃES, K. A. Avanços da Educação Superior e a Política de CT&I no Estado do Ceará. *In*: **Desenvolvimento Econômico do Ceará: evidências recentes e reflexões**. Fortaleza - Ceará: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE, 2014, v. 1, p. 287- 316. Disponível em:

http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/Desenvolvimento_Economico_. Acesso em: 30 abr. 2022.

BONVINI, E. **Línguas africanas e português falado no Brasil**. África no Brasil. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/dissertacao/Aslinguas_escravos_brasil.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

BRIGHT, W. (org.) **Sociolinguistics**. In: Proceedings of the UCLA Sociolinguistic Conference, 1964, Mouton, 1966.

BRUNO, A.; FARIAS, A. **Fortaleza**: uma breve história. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

CAMACHO, R. G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. **DELTA**, São Paulo, v.26, n.1, p.141-162, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/JPbFSbkptRjg6pVk3gvQdfG/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 21 jun. 2021.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Ogs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1986.

CAVALCANTE, R. **A negação pós-verbal no português brasileiro**: análise descritiva e teórica de dialetos rurais afro-descendentes. 2007. 257 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11404/1/Rerisson%20Cavalcante.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FARIAS, A. **História do Ceará**. Fortaleza, CE: Armazém da Cultura, 2012.

FISHMAN, J. A. A Sociologia da linguagem. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (org.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974 (título original, 1972), p. 25-40.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, jan, 2001, p.1-30. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000100001
Acesso em: 01 out. 2021.

GOLDNADEL, M.; LIMA, L. S.; BREUNING, G.; ESQUIVEL, N. A.; LUZ, J. P. Estratégias alternativas de negação sentencial na região Sul do Brasil: análise da

influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, jul, 2013, 36-74. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=>. Acesso em: 09 abr. 2022.

GUY, G. As comunidades e fala: fronteiras internas e externas. **Anais da Abralin**, 2001.

JESPERSEN, O. **Negation in English and other languages**. Kobenhan AF. Host, 1917. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924026632947>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Parábola Editorial, [1972], 2008.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, vol. 7. Londres, 1977, p. 171-182. Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/syll/BL/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

LUCCHESI, D. **Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUCCHESI, D. ARAÚJO, S. **A Teoria da Variação Linguística**. 2004. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em: 07 maio 2021.

MARTINS, C. B. Ensino Superior Brasileiro nos anos 90. **São Paulo: São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, jan./mar., 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/9mVz3rLgsChQbW9LNMnrLjD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MELLO, H. R. de. *et al.* O português vernáculo do Brasil. *In*: PERL, Matthias; SCHWEGLER, Armin. **América Negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas**. Frankfurt am Main: Vervuert, 1998.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 3. reimp. São Paulo, SP: Contexto, 2015. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, R.J. Ed. Vozes, 2000.

MOTTA, M. A estabilização e a estabilidade: do Plano Real aos governos FHC (1993-2002). *In*: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). **O Brasil Republicano: o tempo da Nova República – da transição democrática à crise política de 2016**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 228.

NASCIMENTO, C. A. R. **A negação no português falado em Vitória/ES**. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014. Disponível em:

<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1465/1/A%20nega%C3%A7%C3%A3o%20no%20portugu%C3%AAs%20falado%20em%20Vit%C3%B3ria-ES.pdf>. Acesso em: 09 set. 2020.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria. Cecília; BRAGA, Maria Lúcia. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 3. reimp. São Paulo, SP: Contexto, 2015. p. 15-25.

NUNES, E. S. O. **A negação no português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em corpus**. Revista eletrônica UFTM, nº1, Rio de Janeiro, 2014, p.1-19. Disponível em:

<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/455>. Acesso em: 24 abr. 2021.

OLIVEIRA; A. C. M.M; SANTOS, J. C. F. As negativas pós-verbais no falar culto de Fortaleza-CE: uma análise em dois tempos. *In*: ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva Rodrigues (org.) **O falar culto de Fortaleza em foco**. Pimenta Cultural, 2021. 376p..

PAIVA, M. C. Mudança em tempo real e em tempo aparente. *In*: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

PAREDES SILVA, V. L. Relevância das variáveis linguísticas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. - 4 ed. 3. reimp. – São Paulo: Contexto, 2015.

PETTER, M. M. T. **A negação em algumas línguas do grupo banto**. Estudos Linguísticos XXXIII, p. 268-273, 2004. Disponível em:

http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunic/a_negacao_banto.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

PIETROFORTE, A. V. A língua como objeto da Linguística. *In*: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística I. Objetos Teóricos**. – 6 ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

REIMANN, C. A.; YACOVENCO, L. C. A dupla negação no português falado em Vitória/ES: traço da identidade linguística Capixaba? Cadernos do I CONEL, 1., 2011. Anais [...] Vitória: CONEL, 2011. Disponível em: [periodicos.ufes.br > Capa > I CONEL > Reimann](http://periodicos.ufes.br/Capa/I/CONEL/Reimann). Acesso em: 17 out. 2015.

ROCHA, R. S. **A negação dupla do português paulistano**. 2013. 97f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:

www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013_RafaelStoppaRocha_VCorr.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

ROMÃO, F. L. Brasil década de 90: a recorrência das desigualdades em meio a muitas transformações. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*, 11., 2003. Anais [...] Campinas: Sociologia e Conhecimento Além das Fronteiras, 2003, v. 1., p. 251-252.

RONCARATI, C. A negação no português falado. *In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (org.). Variação e discurso*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1996, p.98-113.

SALLES FILHO, A. **A negação em Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

SANKOFF, D; TANGLIAMONTE, S; SMITH, E. **GoldVarb**: a variable rule application for Macintosh. 1990. Department of Linguistic, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html> Acesso em: 28 nov. 2020.

SANTANA, J. C. D.; NASCIMENTO, P. B. S. A negação no português falado da Matinha/BA: um estudo sociolinguístico. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Bahia, set, 2011, p 1-7,. Disponível em: http://www.letramagna.com/art2_xiv.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

SANTOS, J. C. F. S. **Não quero não! As negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza/CE na perspectiva variacionista**. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o-Je%CC%81ssica-Coe%CC%82lho-F.-Santos-1.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34 ed. São Paulo-SP: Cultrix, 2012.

SCHWEGLER, A. Word-order changes in predicate negation strategies in romance languages. **Diachronica**. Irvine, nº.1, p. 21-58, 1988.

SCHWENTER, S. The Pragmatics of negations in Brazilian Portuguese. **Revista online Língua**, The Ohio State University, set. 2004, p.90-106. Disponível em: https://www.academia.edu/4481119/Pragmatics_of_Negation_in_Brazilian_PortugPo rt. Acesso em: 03 jul. 2021.

SEIXAS, V. C.; ALKMIM, M. G. R.; CHAVES, E. Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais: uma análise Variacionista. **Revista Acta Scientiarum**. Language and Culture. Maringá, jul. 2012, p.269-276. Disponível em: periodicos.uem.br. v. 34, n. 2 (2012) › Seixas. Acesso em: 01 out. 2020.

SOARES, V.R. **A negação no contato entre dialetos**. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/2013/03/viviane-ramos-soares.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2020.

SOUZA, A. S.; LUCCHESI, D. Estruturas de negação em uma comunidade rural Afro-brasileiro-Helvécia-BA. **Revista Científica Semestral do Instituto de Letras**. Salvador, ago, 2004, p.1-7. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKE>. Acesso em: 01 out. 2020.

SOUZA, P. C. **A dupla negação pré-verbal no catalão e no português brasileiro: história, variação e uso**. Tese de doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/User/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/2017_PaulaDaCostaSouza_VCorr.pdf. Acesso em: 01 out. 2021.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, [1968], 2006.

12 REGIONAIS DE FORTALEZA, CONFIRA A NOVA DIVISÃO DA CAPITAL CEARENSE. **G1.com**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/01/06/12-regionais-de-fortaleza-confira-a-nova-divisao-da-capital-cearense.ghtml> Acesso em: 20 abr. 2022.